

EDIÇÃO
ESPECIAL



CARTA DO LÍBANO

A VOZ LIBANESA NA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Roberto Duailibi
Alfredo Buzaid
Massaud Moisés
Pedro Salomão José Kassab
Célio Salomão Debes
Mário Chamie
Raul Cutait
Gabriel Chalita

**Roberto
Duailibi**

DA POEIRA
DA ESTRADA
À POEIRA
CÓSMICA

Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP



HOTEL NACIONAL INN

reservas@nacionalinncampos.com.br

RESERVAS: (12) 3663.3887 - 3663.3577

Rua Joaquim Pinto Seabra, 208
Vila Everest - Campos do Jordão/SP

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

HOTEL + PISCINAS + PARQUE
AQUECIDAS + WALTER WORD



ALL INCLUSIVE

comercial@thww.com.br
+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131
Jardim Del Rey



www.nacionalinn.com.br



UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL

FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA
ROBERTO DUAILIBI
FOTO
MARTA DOS SANTOS

EDITORIAL

PRECIOSAS PALAVRAS

Em um momento crucial para a Cultura do País, Carta do Líbano encerra o ano com uma edição voltada para o valioso legado da imigração libanesa e síria na Literatura e no Pensamento brasileiros.

Celebramos os 110 anos da Academia Paulista de Letras - fundada em novembro de 1909 - exaltando a obra e as raízes dos acadêmicos que carregam a cultura milenar da terra dos cedros em seus escritos.

Assim, apresentamos um rico painel com perfis, relatos pessoais e comoventes depoimentos de familiares dos escritores Roberto Duailibi (publicitário), Alfredo Buzaid (advogado e político), Massaud Moisés (professor, historiador e ensaísta), Pedro Kassab (médico, professor e jornalista), Célio Salomão Debes (advogado e historiador), Mário Chamie (poeta e ensaísta), Raul Cutait (médico cirurgião e professor), e Gabriel Chalita (professor e ensaísta). Enquanto o atual presidente da APL, José Renato Nalini, analisa a presença libanesa e síria na instituição, e o publicitário Roberto Duailibi escreve sobre a fundamental contribuição árabe na vida política e sócio cultural do Brasil e da América Latina, em pouco mais de um século.

Estamos orgulhosos por fechar 2019 em tão ilustre companhia, brindando nossos leitores com conteúdo da mais alta qualidade.

Boas Festas e até 2020!



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

[f @cartadolibano](https://www.facebook.com/cartadolibano)

[i @cartadolibano](https://www.instagram.com/cartadolibano)

CARTA DO LIBANO

44

44



14



58



48



34

Um olhar sobre a forte influência dos imigrantes libaneses e sírios — e seus descendentes - no cenário político e sociocultural brasileiro e na América Latina. Nas palavras de quem entende do assunto

4

+60

+90

conheça nossos cursos
www.unilago.edu.br

CARTAS

Brasileiros dos cedros

“Um sábio provérbio árabe postula que “não se deve declarar que as estrelas estão mortas só porque o céu está nublado”.

São José do Rio Preto, berço de eminentes famílias de origem libanesa e síria, fonte inesgotável de histórias de sucesso e empreendedorismo, ostentava muito timidamente os princípios da terra dos cedros. A renomada revista Carta do Líbano, sob a batuta do pujante e incansável jornalista Fouad Naime, resgatou muitas estrelas, deu-lhes formato e beleza em suas letras, apresentou-as dignamente ao Brasil. O céu não está mais nublado, tampouco mortas as estrelas. “Vincit qui patitur” – eis que venceu quem perseverou e acreditou que suas origens, seus descendentes libaneses e sírios retratam a essência do que são e do que serão perenemente. São José do Rio Preto foi bafejada pela presença da Carta do Líbano, jamais será a mesma, as estrelas nunca mais morrerão. Parabéns Fouad Naime, desbravador do Brasil, desbravador de tão distintos “Brasis”, na busca de valores inquebrantáveis de uma cultura milenar.

Edmo Atique Gabriel
São José do Rio Preto, SP



“Parabenizamos o editor da tão conceituada revista Carta do Líbano, o jornalista Fouad Naime, pela magnífica edição número 172, que fez uma cobertura completa da colônia libanesa em São José do Rio Preto. Um trabalho primoroso!”

Jorge José Bitar
São José do Rio Preto, SP

Obrigado

“Recebi as suas revistas. Muito bonitas e bem-feitas. Minha mãe está lendo avidamente...”

Silvia Antibas
São Paulo, SP



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME
E-MAIL TEL.
ENDEREÇO
CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR U\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 95 · CONTA CORRENTE 21114-1



José Renato Nalini,
presidente da
Academia Paulista
de Letras (APL)

JOSÉ RENATO NALINI

PRESIDENTE

O LÍBANO ENRIQUECE A ACADEMIA

Da herança fenícia à influência francesa, passando pelo domínio árabe, toda a força e determinação das letras libanesas. Em encontro decisivo com a exuberância tropical

A diversidade que caracteriza o amálgama da população libanesa se reflete na exuberância de sua produção literária. Uma História cuja origem se perde no tempo, bastando mencionar que a costa libanesa, desde o terceiro milênio antes da era cristã, já era ocupada pelos cananeus e depois pelos fenícios, contribuindo para a imaginação criadora de seus intelectuais.

Não foi apenas o comércio a atividade herdada dos fenícios, que foram dominados pelos assírios, egípcios, persas, babilônios, gregos e, finalmente, pelos romanos. A conquista pelos árabes data do ano 636. As lutas para a sobrevivência conferiram aos libaneses uma força expressiva de caráter e determinação. Isso está refletido na ficção de intensa carga autobiográfica de grande parcela dos autores de origem libanesa.

A influência francesa no Líbano, a partir do cristianismo, cria uma especificidade cultural que gera a uma literatura nacional. Surgem os nomes de Charles Corm (La Montagne Inspirée, 1934), Hector Klat (Du Cidre au Lyz, 1935), Elye Tyane (Le Château Merveilleux, 1934) e Michel Chiha (La Maison des Champs, 1934).

Prevalece uma prospecção a respeito de um Líbano fenício, na exaltação de tempos remotos, mas instigantes, o que faria com que todos os libaneses compreendessem sua unidade, a despeito das distinções de idioma, hábitos, religiões e raças. Os libaneses chegaram ao

“As lutas para a sobrevivência conferiram aos libaneses uma força expressiva de caráter e determinação”

Brasil com essa bagagem cultural exuberante, sua generosidade e simpatia. Contribuiu para a disseminação do pensamento libanês, voltado à revitalização da língua e da civilização ancestral, a liderança de Nami Jafet. Os libaneses no Brasil incluíram na sua produção a busca de um globo coeso, cujas culturas poderiam e deveriam dialogar, com recíprocas vantagens.

Merece menção o poeta Akel el-Jorr que identificou Líbano e Brasil, sobretudo em seus aspectos multiétnicos e na espontânea acolhida de diferentes povos. A conciliação confessional entre islamismo e cristianismo foi explorada por Mussa Kuráiem e Salomão Jorge. Interessante mencionar que a fixação libanesa pela costa litorânea fez com que Rachid Salim Cury, o al-Kárawi, visse no mar santista o caminho de chegada ao Brasil, mas também o convite para retornar ao Líbano.

O casamento entre o sentir oriental e a razão ocidental foi objeto da atenção de Chafic Maluf, Mansour Challita e Taufic Barbar. Todos mostram a polivalência dos libaneses e a rica doação de seu talento para conferir mais elevado grau de qualidade àquilo que se escreve neste Brasil de todos.

A Academia Paulista de Letras sente-se milionária com o legado de intelectuais de ascendência libanesa e está de portas abertas a receber tantos outros que se interessem por esse convívio saudável e fraterno de nossas reuniões semanais. ■

*-José Renato Nalini é presidente da Academia Paulista de Letras (2019-2020)

“A Academia Paulista de Letras sente-se milionária com o legado de intelectuais de ascendência libanesa e está de portas abertas”

FOTO: MARCIO SCAVONE



Sede da Academia Paulista
de Letras, no Largo
do Arouche, em São Paulo

A CASA DO AROUCHE

Há 110 anos, a Academia Paulista de Letras reúne em seu quadro de 40 membros, escritores, professores, filósofos, pensadores, médicos, músicos, empresários e intelectuais dos mais diversos setores. Autores de obras que contribuem para o engrandecimento da cultura nacional, eles têm como sede um endereço tradicional e charmoso

Criada por um médico carioca que vivia em São Paulo, o dr. Joaquim José de Carvalho, a Academia Paulista de Letras nasceu em 27 de novembro de 1909. Seu criador levou em conta o caráter cosmopolita da cidade “aberta a todos” e, portanto, terreno fértil para as iniciativas culturais destinadas ao desenvolvimento humano. Porém, engana-se quem imagina que a iniciativa foi imediatamente aprovada e celebrada pelo ambiente cultural paulistano. Houve forte resistência, inclusive na imprensa, contra essa instituição destinada a defender o idioma e a literatura, através de 40 intelectuais - o número de acadêmicos que vigora até hoje foi questionado várias vezes durante a existência da APL. Porém, ao atrair intelectuais de peso da época, como seu primeiro presidente, Brasília Machado, a Academia foi em frente, mesmo não tendo uma sede fixa. As reuniões eram realizadas nas salas da residência de acadêmicos, como a de Pedro Oliveira Ribeiro Neto, na rua dos Timbiras.

A maioria veio em 1929, graças aos esforços do então presidente Aristeu Seixas, de Amadeu Amaral e Gomes Cardim - graças a quem as reuniões passaram a acontecer com maior regularidade no Conservatório Dramático

e Musical - que decidiram agitar a instituição e libertá-la da hibernação em que havia mergulhado pouco tempo depois de sua fundação. Outros ambientes que também abrigaram os acadêmicos nesses tempos foram o Salão de Inverno da lendária Casa Mappin, a Biblioteca Municipal, além de conhecidos restaurantes que eram redutos da vida boêmia e intelectual - com as posses solenes realizadas no Teatro Municipal.

Foi a partir de 1943 que o presidente Altino Arantes, René Thollier e Goffredo Teixeira da Silva Telles se mobilizaram junto ao interventor Fernando Costa para que o governo doasse o imóvel localizado no Largo do Arouche - que se encontrava abandonado e deteriorado - para a APL. O pedido aconteceu durante a posse do poeta Guilherme de Almeida e conseguiu a simpatia do político que autorizou o processo de doação. Esse era o sonho do ex-presidente da APL, Alcântara Machado, que infelizmente não o viu se realizar, pois, havia morrido dois anos antes, em 1941.

A pedra fundamental do prédio da sede da Associação Paulista de Letras foi lançada no dia do aniversário da cidade, 25 de janeiro, em 1948, com a presença do presidente da República, Eurico Gaspar Dutra. O edifício em estilo modernista leva a assinatura do arquiteto francês Jacques Pilon, responsável por outros ícones arquitetônicos



O ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, visita a Academia Paulista de Letras

FOTOS: MARCIO SCAVONE E DIVULGAÇÃO

paulistanos como a Biblioteca Mário de Andrade, a sede dos Diários Associados na rua 7 de Abril - o primeiro endereço do Masp - e o edifício Paulicéia, na avenida Paulista. A primeira sessão plenária da Academia em sua sede permanente aconteceu em 24 de abril de 1952.

Entre as joias da “Casa do Arouche”, está a Biblioteca Embaixador José Carlos de Macedo Soares, que guarda as valiosas doações de acervos particulares de vários acadêmicos. A biblioteca foi totalmente informatizada através de doação feita pelo acadêmico e empresário Antônio Emírio de Moraes. O prédio da APL foi tombado em 22 de março de 2010.

Entre os membros da Academia Paulista de Letras desde sua fundação, há 110 anos estão nomes como Dino Bueno, Miguel Reale Jr., Mário de Andrade, Paulo Setúbal, Tito Lívio Ferreira, Marcos Rey, Inezita Barroso, Tatiana Belinky, José Mindlin, Sérgio Buarque de Holanda, Monteiro Lobato, Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Menotti Del Picchia, Julio Medaglia, Maurício de Souza, João Carlos Martins e Jô Soares. Durante a visita do papa Bento 16 ao Brasil, em 2007, sua santidade recebeu das mãos do presidente da APL, José Renato Nalini, o título de Acadêmico Honoris Causa.

As reuniões dos membros da APL acontecem todas às quintas-feiras. ■



Algumas cenas da Academia Paulista de Letras



PRESIDENTES DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Brasílio Machado • 1909-1916

Amadeu Amaral • 1929

Alcântara Machado • 1929-1941

Altino Arantes • 1942-1956

Aristeu Seixas • 1957-1965

Oliveira Ribeiro Neto • 1966-1970

Ernesto Leme • 1971-1974

Leite Cordeiro • 1975-1978

Francisco Marins • 1979-1982

Lycurgo de Castro Santos Filho • 1983-1986

Péricles Eugênio da Silva Ramos • 1987-1990

Soares Amora • 1991-1994

Rubens Teixeira Scavone • 1995-1998

Israel Novaes • 1999-2002

Erwin Theodor • 2003-2004

Ives Gandra • 2005-2006

José Renato Nalini • 2007-2010

Antonio Penteado Mendonça • 2011-2014

Gabriel Chalita • 2015-2018

José Renato Nalini • 2019-2020

FOTOS: MARCIO SCAVONE



CAMPANHA PRÓ NOVA SEDE DO CONSULADO GERAL DO LÍBANO EM SÃO PAULO

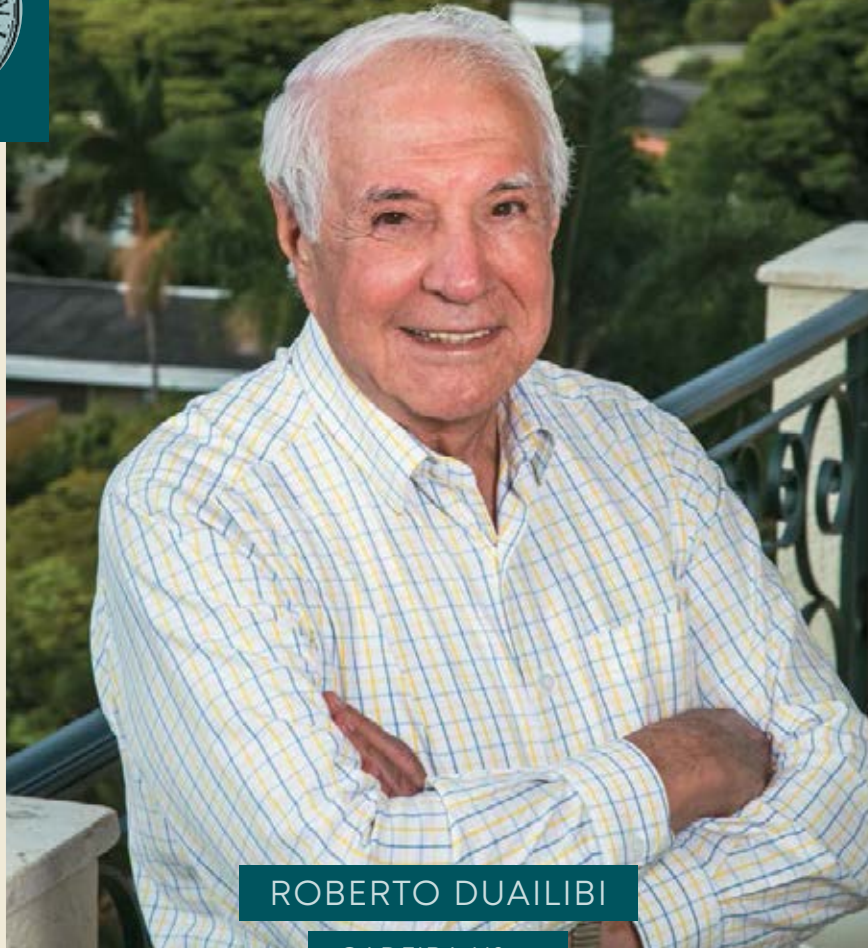
MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

BRONZE: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais)
PRATA: R\$ 20.000,00 (vinte mil reais)
OURO: R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais)
PLATINA: R\$ 100.000,00 (cem mil reais)

É UM MOMENTO HISTÓRICO. APROVEITE-O!
CONTRIBUA AGORA COM O QUE PUDER!

BANCO SANTANDER,
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,
CNPJ 05.034.412/0001-66

O publicitário
Roberto Duailibi

ROBERTO DUAILIBI

CADEIRA Nº 21

DA POEIRA DA ESTRADA A POEIRA COSMICA

São 84 anos de idade e muitas vidas em uma só história.
Vida que revela a origem marcada pela influência de diferentes
espaços geográficos. Vida de relações familiares intensas
e em comunidade de caráter global em um ambiente local.
Vida de transcendência: a profissão em estado de arte.
Vida de compromisso com valores individuais e sonho coletivo.
É por esses vieses que apresentamos o publicitário,
professor e acadêmico Roberto Duailibi

A história de Roberto Duailibi pode ser classificada como uma aventura épica. Na primeira metade do século 20, o pai, - Wadih Galeb Duailibi, que tinha formação superior em Farmácia, na França, decidiu trabalhar com garimpo e vendas em Mato Grosso. A mãe, Cecília Fadul Duailibi, permanecia em Campo Grande, à frente do comércio da família.

Até os seis anos de idade, Roberto viveu uma vida feliz, com muita brincadeira – pé descalço, estilingue, bola de gude, pião – em uma cidade vibrante e ainda em formação. Campo Grande era, então, uma cidade poliglota. Reunia comerciantes e aventureiros que falavam árabe, espanhol, francês, português e guarani. Já os padres preferiam o italiano. Naquela época, a comunidade libanesa era uma grande família.

Na loja da mãe, “Madame Cecília”, Roberto era responsável por tirar a poeira dos balcões, arrumar as vitrines, forrar os botões e fazer plissê. Com a mãe e as irmãs, Roberto ouvia rádio de Buenos Aires e novelas da Rádio Nacional, lia FonFon, Jornal das Moças, O Cruzeiro e revistas francesas de moda. Decorava e declamava poesias. Conhecía guarânias

paraguaias, música brasileira e cantava hinos – o Nacional, alguns militares e outros religiosos. Eram tempos da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo de Vargas no Brasil.

SÃO PAULO, A EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS

Mesmo neste ambiente familiar favorável aos estudos, Roberto não se adaptou ao austero método de ensino do colégio de padres – palmatória, ficar de castigo ajoelhado no milho, levar cascudos, puxões de orelha. Por isso, aos seis anos foi mandado para São Paulo para morar com a avó, Ada Vianello, e a tia Ignêz. Na capital paulista aprendeu a ler em uma semana, resultado da surpresa de ter uma professorinha linda na escola. A avó e a tia falavam árabe, italiano e português e, regra da casa: todos os dias o menino Roberto tinha que ler o jornal O Estado de S. Paulo da primeira à última página.

Quando estava com 12 anos, seus pais voltaram para São Paulo e a família passou a morar na rua Eça de Queiroz, Vila Mariana, onde sua mãe abriu um ateliê de costura. Nesse período Roberto começou a frequentar espaços importantes do bairro – o bar do português que lhe apresentou Eça de Queiroz, o Colégio Benjamin Constant e

“Em 1968, Roberto já havia passado pelas agências de publicidade McCann Erickson, Thompson e Standard”

o Colégio Bandeirantes. Nesses lugares estudava, praticava esportes e conhecia a política. Mais tarde, trabalhou no Jornal de Vila Mariana, escrevendo notas e notícias, vendendo espaço publicitário, acompanhando a produção gráfica e ajudando na distribuição.

O emprego no departamento de propaganda da Colgate Palmolive aconteceu pouco antes da aprovação na Escola de Propaganda. Lá Roberto teve oportunidade de aprender com profissionais consagrados como Alfredo da Silva Carmo, José Kfourri, Renato Castelo Branco, Otávio da Costa Eduardo, Rodolfo Lima Martensen, Caio Domingues, Gherard Wilda e tantos outros. Cursava Propaganda e também a Escola de Sociologia e Política.

Já na Colgate, conheceu uma jovem secretária recém-formada pelo Mackenzie, Sylvia Berg. Filha de alemães, o pai judeu e a mãe luterana - união inadmissível na Alemanha nazista, o que obrigou o jovem casal a fugir da Europa. Sylvia é sua companheira de todos os momentos e de todas as viagens. Com ela teve os gêmeos Marco e Rubem.

OS QUATRO PILARES DA DPZ

Em 1968, Roberto já havia passado pelas agências de publicidade McCann Erickson, Thompson e Standard. Estava casado e tinha uma considerável bagagem de conhecimento - seu principal patrimônio - e era o maior salário da propaganda brasileira. Nesta época surgiu a oportunidade para associar-se a José Zaragoza, Francisc Petit e Ronald Persichetti e fundar a DPZ - uma agência com o

propósito de fazer campanhas controversas, bonitas, bem executadas e bem-humoradas, fundamentadas por Quatro Compromissos - verdade, originalidade, bom gosto e moral nos negócios.

Os dois primeiros anos foram difíceis, pois o Brasil vivia uma recessão associada a uma grave inflação. Mas os compromissos e os trabalhos publicados conquistaram e encantaram clientes como Nestlé, Itaú, Sadia, Kaiser, Bom-Bril, Singer, General Motors, Souza Cruz, Rhodia, Petrobrás, Fotoptica, Telebrás, Telesp, Vivo. O portfólio de ideias e clientes só cresceu e a publicidade foi um caminho de satisfação que Roberto descobriu para cumprir a missão de tornar as pessoas melhores. Para Roberto, “a verdadeira criatividade é a capacidade de definir um problema. Resolvê-lo de maneira nova, diferente e original depende de uma atitude de trabalho, um desejo de enriquecer as outras criaturas humanas ao ver o resultado do esforço”.

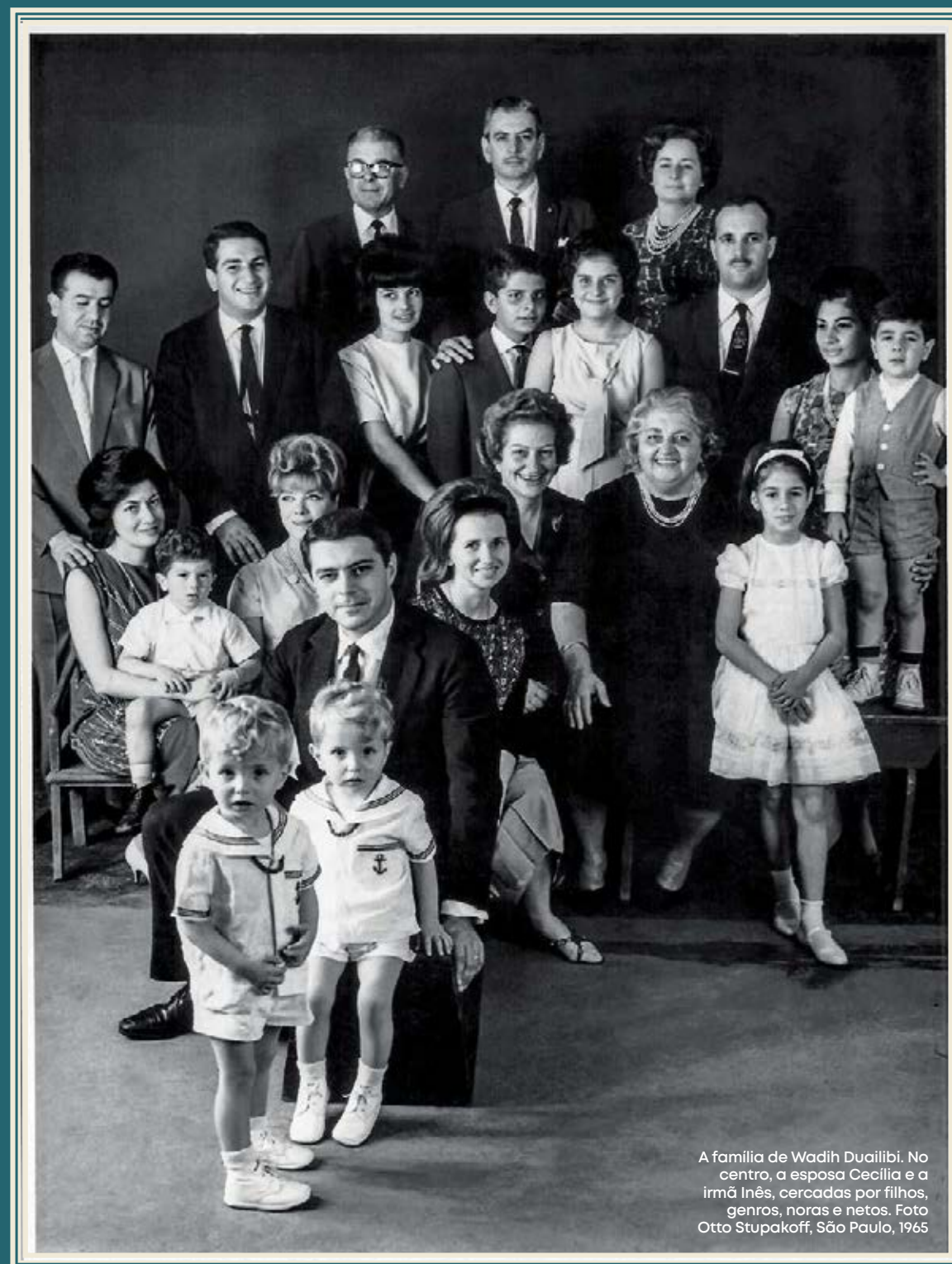
TRANSFORMAÇÃO DE CORAÇÕES E MENTES

Roberto Duailibi misturou publicidade e Educação para expandir a missão de transformar as pessoas também nos ambientes acadêmicos. Na Escola Superior de Propaganda e Marketing, foi professor, diretor e permanece como Conselheiro Emérito do Conselho da Instituição. Na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, foi professor de Criação.

Por duas gestões, Roberto Duailibi presidiu a Associação Brasileira de Agências de Publicidade-ABAP. Atuou como Conselheiro da Fundação Bienal de São Paulo, do Fundo Social de Solidariedade do Governo do Estado de São Paulo e foi Presidente na Fundação Cultural Exército Brasileiro - FUNCEB, uma entidade civil que recuperou monumentos, fortes e fortalezas, criou uma Banda Sinfônica do Exército e uma emissora de rádio.

Em diversos livros, o professor e publicitário registrou e compartilhou a experiência proporcionada por seu trabalho e processos de criação. Na obra Criatividade & Marketing, em parceria com Harry Simonsen Jr., Duailibi formula o

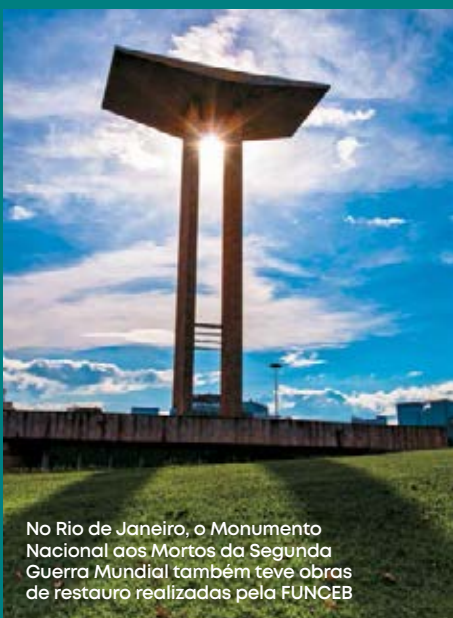
FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA



A família de Wadih Duailibi. No centro, a esposa Cecília e a irmã Inês, cercadas por filhos, genros, noras e netos. Foto Otto Stupakoff, São Paulo, 1965



Roberto Duailibi aos 3 anos, com os pais Wadih e Cecília e os irmãos mais velhos, em Campo Grande



No Rio de Janeiro, o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial também teve obras de restauro realizadas pela FUNCEB



A Fortaleza de Santa Cruz, uma das atrações mais visitadas do Rio de Janeiro, tem sua origem no século 16. Tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional desde 1939, foi restaurada num projeto executado pela Fundação Cultural do Exército Brasileiro (FUNCEB), da qual Duailibi foi presidente e hoje é conselheiro

conceito de Régua Heurística e analisa a importância do método para o desenvolvimento da criatividade.

Para cultivar a concisão, estilo próprio da publicidade de qualidade, muito antes do Twitter (mensagens digitais de até 140 caracteres), Roberto já colecionava frases, mensagens curtas e surpreendentes que, primeiro foram compiladas em oito livros, depois em um banco de dados com 600 mil frases. Mais recentemente, com o trabalho de sua equipe e o suporte de Marina Pechlivanis, os livros viraram aplicativo – uma forma de democratizar ainda mais suas ferramentas de trabalho: pensamentos expressos com precisão. “As frases, isoladamente realizam um milagre: você lê uma frase boa e, imediatamente, sua mente cria outra” ensina o professor.

AS QUATRO BIBLIOTECAS E A ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Roberto Duailibi transformou em trabalho sistemático tudo o que aprendeu desde a infância. A declamação de poesias e o canto de hinos ganharam a forma de cursos e palestras. A leitura obrigatória do jornal “O Estado de S. Paulo” fez dele um leitor assumidamente compulsivo e sem preconceitos: o dia começa com a leitura de 2 jornais. E continua com a leitura simultânea de mais de dez livros, em diferentes idiomas, sobre assuntos variados: cinema, política, história, economia, literatura, religião. Todas essas fontes alimentam parte da capacidade de garimpar frases e produzir textos notáveis.

Entre as possíveis fontes de inspiração para um

“As frases, isoladamente realizam um milagre: você lê uma frase boa e, imediatamente, sua mente cria outra”

“... tinha uma considerável bagagem de conhecimento – seu principal patrimônio – e era o maior salário da propaganda brasileira”

gosto tão apaixonado pela leitura está uma boa experiência na infância. “Uma de minhas melhores lembranças quando criança é a biblioteca de Campo Grande. Mesmo sem ter grandes recursos, havia uma bibliotecária que se esmerava em seu trabalho e dava ao lugar uma aura de templo. Havia um silêncio quase sagrado, uma iluminação tênue, um cenário perfeito para viagens e aventuras pelos livros”, recorda Duailibi.

Os muitos livros de Roberto são mantidos em quatro bibliotecas pessoais: uma sobre literatura geral, poesia, comunicação, novidades de autores recém-chegados que precisam ser conhecidos e livros para agradar aos olhos, com recursos de produção de conteúdo e industrialização, processos de impressão, fotografia, tintas de alta precisão. Outra sobre a história do Oriente Médio e a história da imigração libanesa para o Brasil, onde o descendente de libanês armazena – além de livros – uma profusão de imagens, mapas e peças orientalistas que, mesmo sem relação direta com a imigração, representam uma visão romântica europeia sobre o Oriente. A terceira biblioteca combina literatura profissional, ficção, e a maior coleção do Brasil sobre livros de frases, provérbios, pensatas em várias línguas. Finalmente, a quarta biblioteca fica no Rio de Janeiro, e é temática. Os livros tratam da história da cidade, desde sua fundação, muita iconografia e memorabilia carioca. E no computador fica armazenada toda a filmoteca, outro tesouro.

Em 2015, ao tomar posse da cadeira 21 da Academia Paulista de Letras, Roberto Duailibi –

além de consagrar uma vida dedicada à palavra – fortaleceu o status da publicidade brasileira, profissão que o fez conhecer a dimensão orgânica da palavra como universo vivo – desde a fonética, a maneira como a língua é falada, a gíria, os sotaques, as entonações, até à incorporação de novas tecnologias que apontam para o futuro.

Seu discurso de posse foi marcado por essa palavra em suas diferentes possibilidades. “Creio que como parte de uma sociedade em constante mutação, a Academia precisa defender não apenas o vernáculo convencional, mas as novas formas de expressão, o novo jeito de dizer as coisas, por meio de abreviaturas, de sinais, de imagens. Recentemente li que ‘um emoji vale por mil palavras’. E ‘emoji’ é uma palavra absolutamente nova. Essa é a nova linguagem escrita, que formata o novo jeito de dizer as coisas e se atingir os objetivos da mensagem”.

UMA FAMÍLIA UNIVERSAL

Na década de 1960, ainda na Escola de Sociologia e Política, numa conversa entre o publicitário e seu tio Jorge Duailibi surgiu a ideia de resgatar memórias e a trajetória familiar a partir de questionários, distribuídos entre os parentes. Os relatos e registros reunidos ao longo de 50 anos foram transformados em parte do acervo do Centro de Estudos Family D. que tem o objetivo de preservar e divulgar as diferentes expressões da cultura libanesa.

O Centro de Estudos Family D. tem sede em São Paulo e mantém um amplo acervo formado

por livros, relatos, mapas, fotos e esculturas. Parte desse acervo resgata a história da família Duailibi, que está espalhada pelo Oriente Médio, Europa, Austrália, América do Sul e do Norte. Existe um projeto específico para jovens, que oferece visita monitorada, acesso ao acervo bibliográfico e informações sobre origens da família. O site <http://familyd.net> antecipa parte dessa experiência.

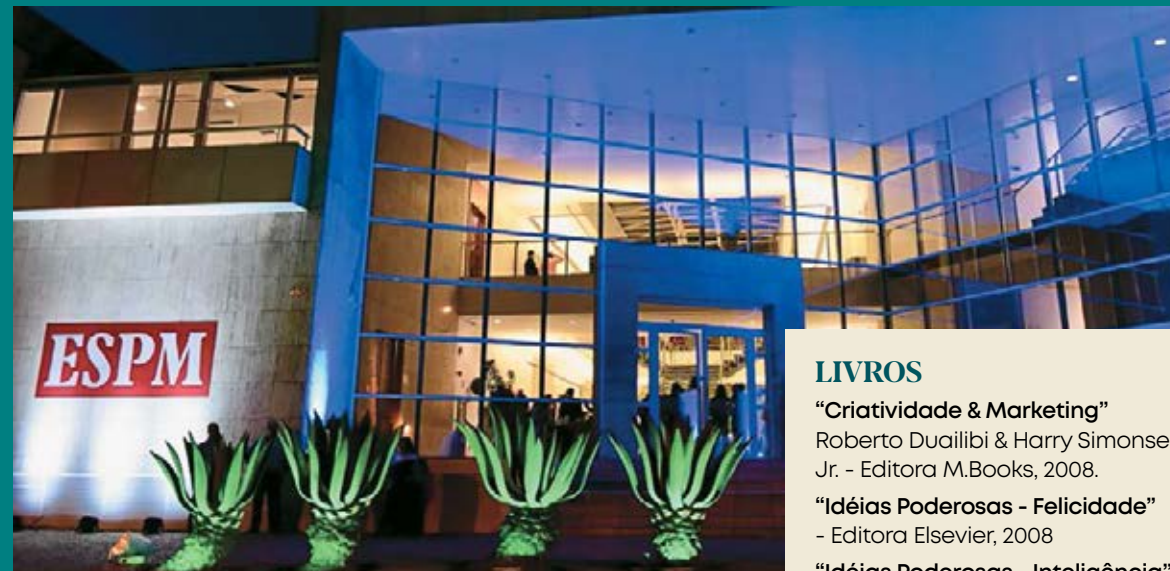
Além disso, há um centro de estudos comandado por uma equipe de historiadores, pesquisadores e jornalistas que desenvolvem um trabalho sobre movimentos migratórios árabes para o Brasil, preservação cultural e histórica do Líbano, exposições em parcerias com museus e outras instituições de pesquisa e universidades. Dessa forma, Roberto Duailibi, além de defender, cria novas oportunidades compartilhamento e manutenção de um patrimônio simbólico rico, vivo e eterno.

O FEIJÃO E O SONHO

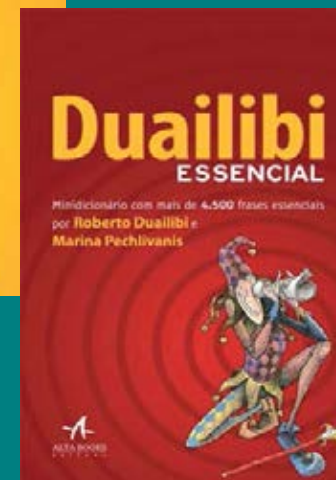
Hoje, aos 84 anos, Roberto Duailibi se apoia em toda sua história de vida para interpretar o presente e olhar com otimismo para o futuro. Crítico, acredita que o momento histórico que o país atravessa determinará uma profunda revolução de caráter nacional, que dará origem a um Brasil mais moderno, menos preconceituoso com o comércio e com o enriquecimento. “Quem sobreviveu à inflação de Juscelino, à loucura de Jânio, à incompetência de João Goulart, à censura da ditadura militar, às maluquices de Collor, à morte de Tancredo e ao período Dilma só pode ser otimista!”, afirma.

A conduta sempre correta e honesta fez com que Roberto Duailibi, com engenho e arte, construísse um inquestionável legado de valores que transcendem o otimismo e a retidão. O avô afetuoso sonha com uma realidade paralela e coletiva, plena de possibilidades, justa e acima de tudo humana. Para o futuro, Duailibi projeta: “Quero ver meus netos – e todos os netos do Brasil – viverem num país de oportunidades, onde o talento pessoal é premiado, os sonhos podem ser realizados, o esforço recompensado”. ■

FOTOS: DPZ



Duailibi fez parte das primeiras turmas da então Escola de Propaganda, hoje Escola Superior de Propaganda e Marketing, da qual atualmente é conselheiro emérito. Também foi professor de redação e diretor de cursos. Colecionador de frases, Duailibi possui diversos livros sobre o assunto e o maior acervo de frases em Língua Portuguesa, armazenado e catalogado em um banco digital. Campanhas premiadas e a construção de grandes marcas são parte da história da agência DPZ. Lequetreque, o famoso franguinho da Sadia, um dos personagens criados pela agência que fez história na publicidade brasileira



LIVROS

“Criatividade & Marketing”

Roberto Duailibi & Harry Simonsen Jr. – Editora M.Books, 2008.

“Idéias Poderosas - Felicidade”

– Editora Elsevier, 2008

“Idéias Poderosas - Inteligência”

Roberto Duailibi e Marina Pechlivanis – Editora Elsevier, 2008

“Idéias Poderosas - Negócios”

Roberto Duailibi e Marina Pechlivanis – Editora Elsevier, 2008

“Cartas a Um Jovem Publicitário”

– Editora Campus, 2005

“Duailibi Essencial”

Roberto Duailibi e Marina Pechlivanis – Editora Campus, 2005

“Duailibi das Citações”

Roberto Duailibi e Marina Pechlivanis – Editora Arx, 2000

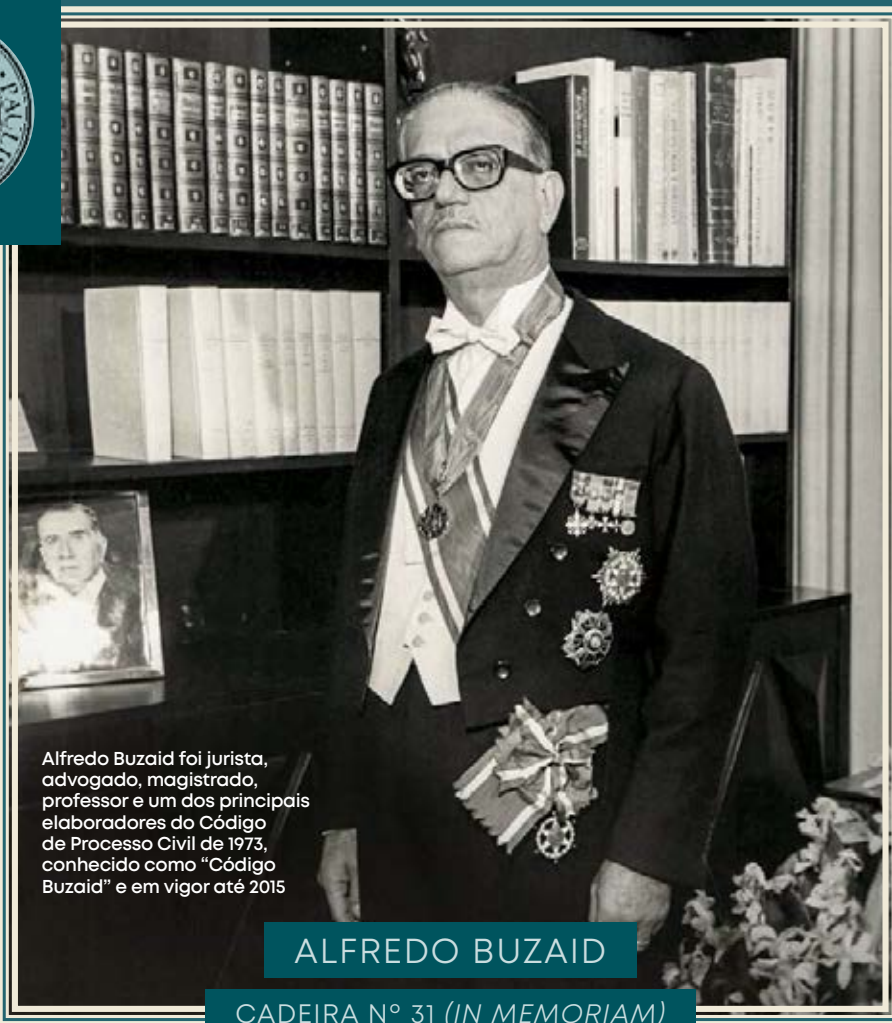
“Licensing”

Editora M.Books

APLICATIVO

Duailibi das Citações está disponível na Apple Store

É o maior banco de frases em Língua Portuguesa. Com citações que registram a história do pensamento, organizado por temas e períodos que vão desde a história antiga até pensadores contemporâneos. Da filosofia ao humor, da política ao sexo, explicados por diferentes pensadores. Com a colaboração e coedição de Marina Pechlivanis, o acervo é interativo, ágil e possibilita criar listas de favoritos.



Alfredo Buzaid foi jurista, advogado, magistrado, professor e um dos principais elaboradores do Código de Processo Civil de 1973, conhecido como "Código Buzaid" e em vigor até 2015

ALFREDO BUZAID

CADEIRA Nº 31 (IN MEMORIAM)

NO EPICENTRO DA VIDA PÚBLICA

Apaixonado pela prática do Direito e da Legislação, Alfredo Buzaid participou ativamente de períodos marcantes do País no século passado. Deixou sua marca e fez história

Ligado à vida política do País a partir dos anos 1960, nasceu em Jaboticabal, em 30 de julho de 1914, filho de Rosa Latofo Buzaid e Felício Buzaid, vindos de Jezzin, sul do Líbano, imigrantes que chegaram ao Brasil por volta de 1910. Cursou a educação primária e secundária no Ginásio São Luiz, em sua cidade natal, bacharelando-se em 1930. Ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo (Largo São Francisco) no ano seguinte, assim como um de seus irmãos, que faleceu precocemente. Atuou como jornalista em dois diários de sua cidade natal, "O Combate" e "A Gazeta Comercial", do qual foi diretor. Também em Jaboticabal advogou por dois anos, transferindo-se para São Paulo em 1938. Dois anos antes, em 22 de julho, casa-se com Adibe Atala, filha de Julia e Felipe Atala, também vindos do Líbano. Dessa união nasceram Alfredo Buzaid Jr., Aidê, Ana Maria e Aloísio.

Passou então a se dedicar ao Direito Processual Civil, lançando seu primeiro livro, "Da Ação Declaratória no Direito Brasileiro", em 1943 - primeiro título da Coleção Direito Processual Civil, dirigida pelos professores S.S. Soares de Faria e Enrico Tulio Liebman. Tornou-se livre docente em 1946, apresentando a monografia "Do Agravo de Petição no Sistema do Código de Processo Civil". Com outra monografia, "Do Concurso de Credores no Processo de Execução", inscreveu-se no concurso para cátedra de Direito Judiciário Civil da PUC-SP, sendo aprovado com a nota 9.9 e tomando posse do cargo em 1953. Passou então a

“Em Jaboticabal, Alfredo atuou como **jornalista e advogou por dois anos, transferindo-se para São Paulo em 1938**”

fazer parte da comissão julgadora para o mesmo cargo em universidades de Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Recife. Colaborou com pareceres e artigos nas publicações "Revista dos Tribunais", "Revista Forense", "Revista Jurídica" e "Revista de Direito Administrativo". Seu trabalho alcançou projeção no Direito internacional com a participação na Associação Italiana de Processo Civil, na cidade de Florença; no Instituto Luso-Ibero-Filipino e Americano de Processo Civil e como conselheiro da "Revista de Derecho Procesal Civil", ambos com sede em Madri.

Também em 1953, Buzaid sofreu um duro golpe. Ao voltarem de uma viagem a Londres - para ver a coroação da rainha Elizabeth II - sua mulher Adibe e seu filho mais velho, Alfredo Buzaid Jr., morreram em um acidente de avião. Ele se casou novamente em 1955 com Judith Alexandre, também filha de libaneses, com quem teve mais três filhos: Alfredo Buzaid Jr., Antônio Carlos e Álvaro.

No final dos anos 1950 inscreveu-se no concurso da cátedra de Direito Judiciário Civil, na Faculdade de Direito de São Paulo, para a vaga do professor Benedito de Siqueira Ferreira, com a monografia "Da Ação Renovatória de Contrato de Locação de Prédio Destinado a Fins Comerciais ou Industriais". Foi um dos fundadores, em 1958, do Instituto Brasileiro do Direito Processual Civil.

A fase de maior projeção pública do acadêmico acontece na década seguinte, quando se torna diretor fundador da "Revista de Direito Processual Civil" e é encarregado pelo governo federal a elaborar o Anteprojeto do Código de Direito

“Seu grande ano foi **1967, ao ser nomeado pelo ministro da Justiça coordenador da Revisão dos Códigos**”

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

“Em 30 de outubro de 1969, Alfredo Buzaid foi nomeado ministro da Justiça, tendo exercido a função até 1973”

Processual, documento entregue no início de 1964. Em 1966 foi nomeado diretor da Faculdade de Direito da USP, tendo assumido em seguida a reitoria da Universidade. Seu grande ano foi 1967, ao ser nomeado pelo ministro da Justiça coordenador da Revisão dos Códigos, respondendo pelo controle de projetos na áreas: Civil, Penal Militar, Processual Penal, Processual Penal Militar, Lei de Organização Judiciária Militar, Código de Sociedades, Código de Títulos e Créditos, Código de Navegação Marítima, Código de Contravenções Penais, Código de Execuções Penais, Lei de Introdução ao Código Civil, além de outros diplomas legislativos.

Em 1968 foi eleito presidente da Academia Nacional de Direito, com sede no Rio de Janeiro e que reúne 40 dos mais notáveis juristas brasileiros. No ano seguinte foi nomeado vice-reitor da Universidade de São Paulo. Durante esse período de intensa atividade política e produção científica, Alfredo Buzaid escreveu os seguintes estudos: “Judício de Amparo e Mandado de Segurança”, “Do Despacho Saneador”, “Do Ônus da Prova”, “A Crise do Supremo Tribunal Federal” e “A Alienação Fiduciária em Garantia”, além de numerosos pareceres. Em 30 de outubro de 1969, foi nomeado ministro da Justiça, tendo exercido a função até 1973. Foi autor do projeto de Código de Processo Civil que, discutido e votado no Congresso Nacional, converteu-se em Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973. Em 1975 sofre novo golpe pessoal ao perder o filho mais velho de seu segundo casamento em um acidente de automóvel.

Ao retornar à iniciativa vida privada, dedicou-se às atividades de professor, advogado e parecerista, sempre com a mesma intensidade de produção. Como literato e membro da Academia Paulista de Letras - na cadeira nº 31 - publicou estudos literários e históricos como “Camilo - o Católico”, “D. Pedro II”, “Escola de Direito de Beirute” e “José Bonifácio - Patriarca da Independência”, entre outros. Foi igualmente membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas, ocupando a cadeira nº 38, e recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra, Portugal, em 1982. No mesmo ano foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, pelo então presidente João Figueiredo, na vaga decorrente da aposentadoria do ministro Cunha Peixoto. No cargo, tornou-se relator de mais de oitocentos acórdãos, além das decisões singulares que proferiu. Escolhido Juiz Substituto do Tribunal Superior Eleitoral, exerceu o cargo de 1º de outubro de 1982 até sua aposentadoria. O Tribunal o homenageou em sessão realizada no dia 3 de outubro de 1984, quando falou, em nome de seus pares, o ministro Moreira Alves e, pela Procuradoria-Geral da República, o professor Inocêncio Mártires Coelho.

Votou mais uma vez a vida civil, exercendo a advocacia contenciosa e consultiva, além de prosseguir com abundante produção científica. Desse período são “A Ação Declaratória no Direito Brasileiro”, a terceira edição, revista, da “Ação Renovatória”, “Rui Barbosa Processualista Civil e Outros Estudos” e “Do Mandado de Segurança”. Recebeu inúmeras condecorações, entre as quais: Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito, Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco, Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo (Portugal), Grã-Cruz de São Raimundo Penaforte (Espanha) e condecorações do governo do Líbano.

Morreu em 10 de julho de 1991, deixando a mulher Judith, cinco filhos e nove netos. Sua memória foi reverenciada pelo STF em sessão de 18 de março de 1992. Seu acervo bibliográfico - com cerca de 35 mil obras - foi vendido para a UNESP, onde hoje se encontra no campus da cidade de Franca. ■



O ministro e acadêmico Alfredo Buzaid com sua mulher, Judith Alexandre, cercados pela família



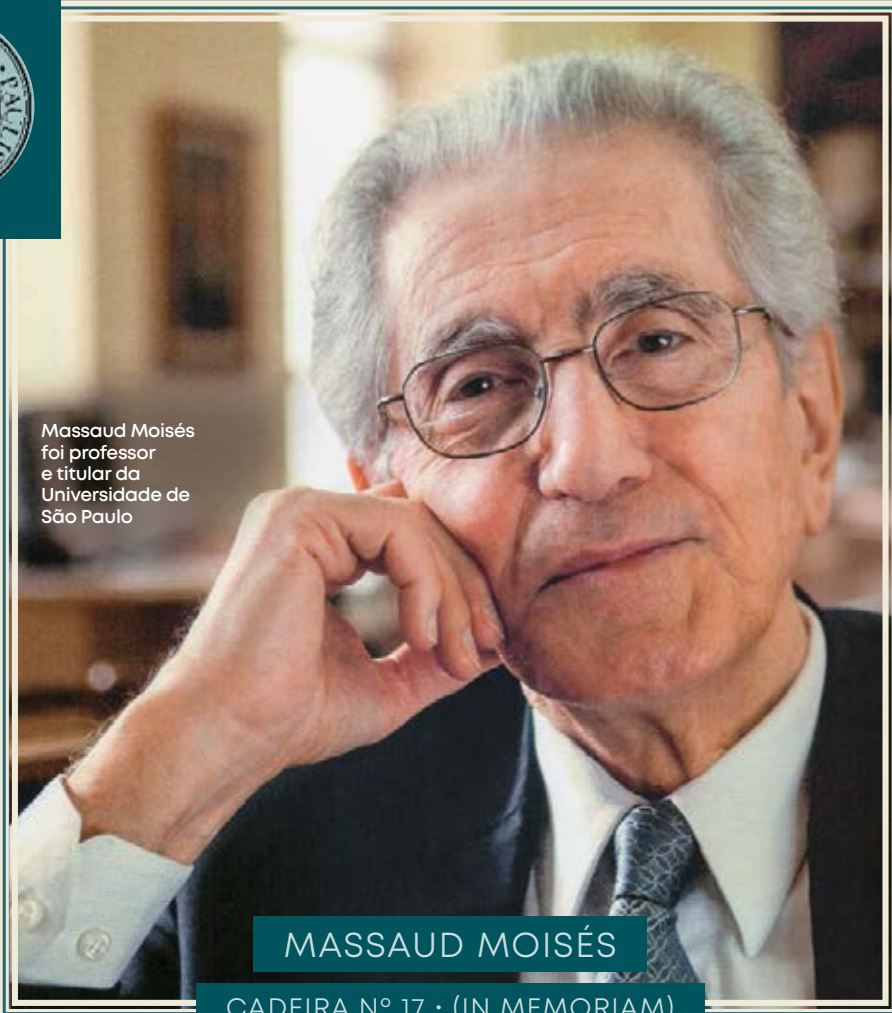
Os pais do acadêmico Alfredo Buzaid, Felício e Rosa Latofo Buzaid, com os filhos



Alfredo Buzaid nomeado ministro da Justiça, em 30 de outubro de 1969, tendo exercido a função até 1973



Massaud Moisés
foi professor
e titular da
Universidade de
São Paulo



MASSAUD MOISÉS

CADEIRA Nº 17 • (IN MEMORIAM)

AO MESTRE COM CARINHO

A homenagem de Carta do Líbano ao escritor e professor que
é uma das maiores referências da literatura brasileira e lusitana.
Um filho de imigrantes libaneses chamado Massaud Moisés

Um dos principais intelectuais brasileiros do século 20, autor de obras fundamentais para a pesquisa e o ensino das literaturas brasileira e portuguesa, era descendente de libaneses. A paixão pela literatura e vocação inata do escritor e professor Massaud Moisés para o ensino é celebrada pela família e por toda uma geração de alunos formados durante seus 40 anos de docência na Universidade de São Paulo - sem falar nos inúmeros estudantes brasileiros que aprenderam através de seus livros didáticos adotados em escolas de todo o País.

Nascido em 9 de abril de 1928, em São Paulo, Massaud Moisés foi o único de uma família de imigrantes libaneses com nove filhos a seguir carreira intelectual. Era filho de Felipe Moisés, libanês da aldeia de Deir-Jennine - norte do Líbano - e de Ana Cória Moisés. Massaud teve 8 irmãos: Alfredo, Helena, Zoraide - filhos do primeiro casamento de sua mãe -, Jorge, Júlia e Adélia. Outros dois irmãos morreram muito cedo: Holmes e Leonel.

Desde muito pequeno, Massaud se revelou excelente aluno, o que acalentou no pai o desejo de vê-lo formado médico. Porém o jovem se apaixonou pela literatura e resolveu dar outro rumo à sua vida. Por conta disso, sua relação com o pai chegou a ficar meses estremecida. O professor costumava dizer que se o pai soubesse os bons frutos que ele colheria ao longo de uma trajetória vitoriosa, não teria se alterado e nem se preocupado tanto.

“Ele vivia a literatura 24 horas por dia, sem se alienar da realidade”, declarou a esposa Maria Antonieta

FOTO: MARGIO SCAVONE

“Desde muito pequeno, Massaud se revelou excelente aluno, o que acalentou no pai o desejo de vê-lo formado médico”

UM DURADOURO CASO DE AMOR

“Ele vivia a literatura 24 horas por dia, sem se alienar da realidade”, declarou Maria Antonieta Raimundo Moisés, esposa e companheira no amor pelas letras por mais de cinquenta anos. Aliás, literalmente Antonieta se apaixonou pelo professor. “Fui aluna do Massaud de 1957 a 1959, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, da PUC-SP, uma escola feminina de nível altíssimo na época, quase similar ao da USP”, recorda.

Ao se formar, em 1959, Antonieta foi convidada por Moisés para ser sua assistente. “Trabalhei com ele até 1963, quando ele saiu da faculdade Sedes Sapientiae para lecionar na USP em tempo integral. Assumi, então, as aulas de Letras na faculdade e fiz meu doutorado sob a orientação dele. Depois, nos casamos em 1968”, conta a esposa. Foi o segundo casamento do professor, que já era pai de Beatriz e Cláudia. Do casamento com Antonieta nasceram Ana Cândida, Maurício e Rodrigo - para os quais dedicou alguns de seus livros - e tiveram dois netos.

Para Antonieta, a admiração pelo marido e professor - morto em 11 de abril de 2018, aos 90 anos - permanece: “Ele era um excelente didata. Suas aulas eram verdadeiros espetáculos de conteúdo. Ele foi uma das pessoas com maior vocação para o ensino que eu encontrei e muitas pessoas ainda dizem isso. Massaud foi amado pelos alunos, da vocação que ele tinha como professor. Massaud foi amado pelos alunos e

“Suas aulas eram também lições de Pedagogia, pois sabia como prender a atenção dos alunos...”

qualquer um deles, hoje, diria o que eu estou dizendo”, assume.

Entre esses ex-alunos está o professor titular de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia, Francisco Lima: “Tive grandes professores na vida, disso não posso me queixar. Mas como Massaud, como me autorizou a chamá-lo, foi diferente”, escreveu em carta à Antonieta, por ocasião da morte do mestre. “Massaud foi daqueles professores, poucos, a quem chamo de ulisseanos, que não precisavam vir para estar entre nós. Massaud esteve (está, estará) em quase todas as salas de aula do Brasil, sem nunca ter estado em muitas delas – embora, generoso como era, tenha estado em muitas”, afirmou.

“Ele pedia silêncio na turma e, então, de repente gritava: ‘Eu estou ouvindo vozes! Serão nozes ou avelãs?’”, contou outro ex-aluno, o escritor e ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Eros Grau, em matéria publicada no jornal “Folha de S. Paulo”, repercutindo a morte de Moisés Massaud.

Para o jornalista Adelto Gonçalves, do “Diário do Nordeste”, doutor em Letras da Língua Portuguesa, e também ex-aluno: “Suas aulas eram também lições de Pedagogia, pois sabia como prender a atenção dos alunos, a ponto de não se ouvir na classe nenhum som, exceto a sua voz, que se tornava ainda mais canora quando recitava, por exemplo, os versos do poema ‘Hora Absurda’, de Fernando Pessoa (1888 - 1935): ‘O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas... / Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso... / E o

teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas / Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...’”.

O poeta português era uma de suas grandes paixões literárias. “Penso que devo ter lido algum texto sobre Pessoa e isso me chamou atenção e, então, eu fui atrás. Fui tentar descobrir quem era esse autor tão arrebatador”, disse ele em entrevista a Luís Fernando Prado Telles, da USP, em 2016. Uma das obras mais célebres do professor é sobre o autor do poema “Tabacaria”: “Fernando Pessoa: O Espelho e a Esfinge”.

“MASSÔ” E “MASSAÚDE”

Massaud Moisés era chamado de duas formas distintas. No Brasil, seus colegas falavam “massô”, com a pronúncia afrancesada. No exterior, era “massaúde”, como seria o correto na língua Portuguesa. E Massaud levou o vernáculo português para outros destinos. Como professor titular da Universidade de São Paulo, foi professor visitante das universidades norte-americanas de Wisconsin (1962-1963), Indiana (1967-1968), Texas (1971), Califórnia (1982), Vanderbilt (1970-1987) e também esteve em visita de estudos na Universidade de Santiago de Compostela Espanha (2001).

Antes dos 30 anos, em 1954, assumiu a cátedra de Literatura Portuguesa na USP - depois de dois anos como professor assistente de Antônio Soares Amora, um dos introdutores do assunto na instituição, nos anos 30 - onde lecionou por quatro décadas, até se aposentar. Dirigiu

“Como professor titular da Universidade de São Paulo, foi professor visitante das universidades norte-americanas”

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



O professor Massaud com a mulher, Maria Antonieta, e os filhos, Ana Cândida e Mauricio



Massaud ainda bebê no colo da mãe, Ana Cória, e um de seus irmãos



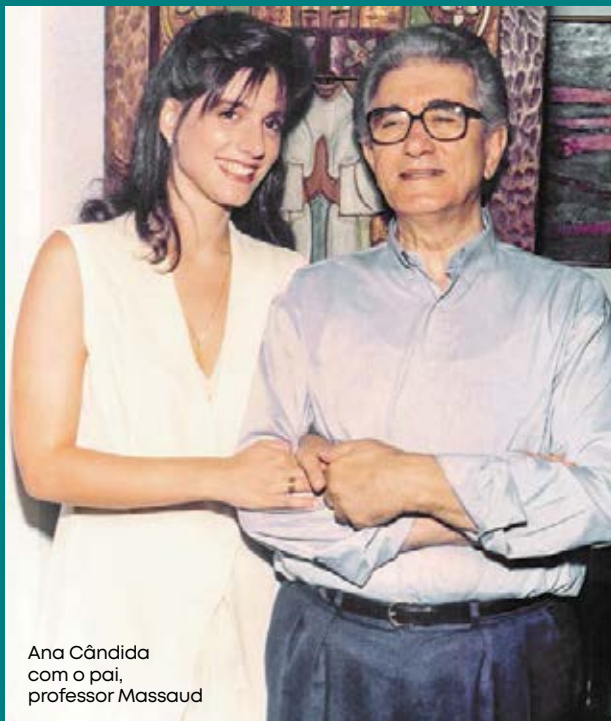
Os pais de Massaud, Ana Cória e Felipe Moisés



Família reunida: o professor Massaud (1º à dir.) com o neto Arthur, a mulher Maria Antonieta e a filha Ana Cândida



Maria Antonieta, a esposa dedicada na vida do professor Massaud



Ana Cândida com o pai, professor Massaud



as Faculdades de Filosofia, Ciência e Letras de Marília e Assis, institutos isolados do Ensino Superior do Estado de São Paulo, posteriormente incorporados à Unesp, uma das três universidades públicas do Estado. “Ele também lecionou no Mackenzie e na Cásper Líbero. Praticamente dava aulas em quase todas as faculdades que existiam na época”, conta a viúva Antonieta.

Dirigiu o Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo e ministrou conferências em universidades brasileiras, norte-americanas

“Ele acreditava que a literatura era uma maneira de **redimir o mundo, de ajudar a humanidade a ser melhor**”

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

“Massaud Moisés analisou e reconstituiu a história das Literaturas Brasileira e Portuguesa em profundidade”

e europeias. Em 16 de março de 2000 assumiu a cadeira de número 17 na Academia Paulista de Letras. No entanto, nunca se empenhou em conseguir uma vaga na Academia Brasileira de Letras que, por motivações políticas, já abriu suas portas para figuras bem menos representativas.

Massaud Moisés analisou e reconstituiu a história das Literaturas Brasileira e Portuguesa em profundidade. Sua extensa obra é hoje referência tanto no meio acadêmico brasileiro como de além-mar. Chegou a coordenar a revista “Colóquio-Letras”, da Fundação Calouste-Gulbenkian, com sede em Lisboa, voltada ao estudo e à divulgação da atividade literária em língua Portuguesa. Por esses trabalhos, em 26 de novembro de 1987, recebeu do governo português o título de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

Com obras como “A Análise Literária” - um manual para a leitura crítica de uma obra de ficção - “A Criação Literária” e “História da Literatura Brasileira” - em cinco volumes - Moisés ajudou a formar gerações de alunos nos cursos de Letras. “Ele acreditava que a literatura era uma maneira de redimir o mundo, de ajudar a humanidade a ser melhor. Acreditava na função humanitária da literatura”, ressalta Antonieta Moisés.

Porém, a obra de Massaud Moisés foi além da academia. Sua escrita didática também chegou aos bancos escolares com títulos como “Literatura Brasileira Através de Textos” e “Literatura Portuguesa Através de Textos”, adotados nos

“Massaud Moisés também teve um papel importante no estudo e divulgação dos autores lusitanos no Brasil”

colégios brasileiros. Com o escritor José Paulo Paes, um dos seus grandes amigos, organizou o “Pequeno Dicionário da Literatura Portuguesa”. Em sua produção, com livros publicados pela editora Cultrix, percebe-se a preocupação pela formação dos mais jovens.

Moisés também teve um papel importante no estudo e divulgação dos autores lusitanos no Brasil. Possuía uma vasta biblioteca que, com o passar do tempo, começou a ocupar muito espaço em sua casa, o que fez o professor adquirir o apartamento de 100 m² - no andar acima do seu - e lá instalou os livros e o escritório, colocando uma escada helicoidal para ligá-los. Generoso, quando percebeu que o fim se aproximava, doou a biblioteca para a Casa de Portugal, no bairro da Liberdade, em São Paulo, e agora seus livros estão disponíveis para o público.

A RAÍZES DO CEDRO

Oriundo de uma família libanesa, Moisés dizia-se agnóstico, mas embora não acreditasse na vida eterna, carregava uma alma cristã, como sabem os que com ele conviveram, como destacou o jornalista Adelto Gonçalves, em texto sobre o professor. “Ele era muito humano, procurando sempre ajudar os alunos e a todos”, salienta Antonieta.

O afeto de Massaud Moisés era onipresente. “Um homem que declamava Raimundo Correia e Fernando Pessoa para o neto ainda bebê, que amava comer pizza e tomar sorvete e que torcia para o Corinthians”, contou a filha Ana Cândida,

em seu pronunciamento na Missa de 7º Dia do pai, na Igreja São José, em São Paulo. Depois de sofrer um AVC em 2013 e outro em 2015, o professor ficou com a saúde debilitada e evitava ver jogos do seu amado Corinthians. Ele dizia que seu coração não aguentaria.

Divertido, de riso fácil, amante da literatura, do cinema e da música, Massaud Moisés tinha poucos e grandes amigos. O amor à família vinha antes de tudo e telefonava todos os dias para a única irmã que ainda tinha. Acreditava no amor como garantia de sucesso profissional e, um eterno apaixonado pela esposa, ensinou os filhos que o casamento não é só respeito, admiração e amizade, mas sim um encontro de almas.

Antonieta reverencia e corresponde a esse amor: “Durante 50 anos de casados, poucas vezes ele se referia a mim pelo meu nome. Era sempre ‘minha flor’, ‘minha santa’, ‘minha alma’. Ele usava todos os adjetivos que podia para me nomear. E era muito singular nisso. dizia: ‘Preciso consultar minha cara metade’. Você pode imaginar o que foi a nossa vida em matéria de troca de afeto, de comunhão, de harmonia”.

“Meu pai me chamava de ‘Ana Freud’, à minha mãe se referia como ‘a luz da minha alma’, seu aluno preferido foi apelidado ‘meu príncipe’. Era um homem doce com as palavras, um apaixonado pela vida e orgulhoso de sua origem libanesa”, resumiu a filha Ana Cândida.

Massaud Moisés morreu em decorrência de um AVC dois dias depois de completar 90 anos, em 2018. ■

“Divertido, de riso fácil, amante da literatura, do cinema e da música, Massaud tinha poucos e grandes amigos”

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

GESTOS SUAVES E MENTE BRILHANTE

Ana Cândida Moisés se emociona ao lembrar de um pai nada menos do que especial “Muitos dirão que, para os filhos, todos os pais são especiais. Mas meu pai era realmente uma pessoa diferente. Ele possuía uma sensibilidade, uma maneira única de ver o mundo que - unida à calma impressionante e à fala cheia de detalhes e emoção - fazia com que quase pudessemos tocar os objetos e as pessoas das histórias que contava.

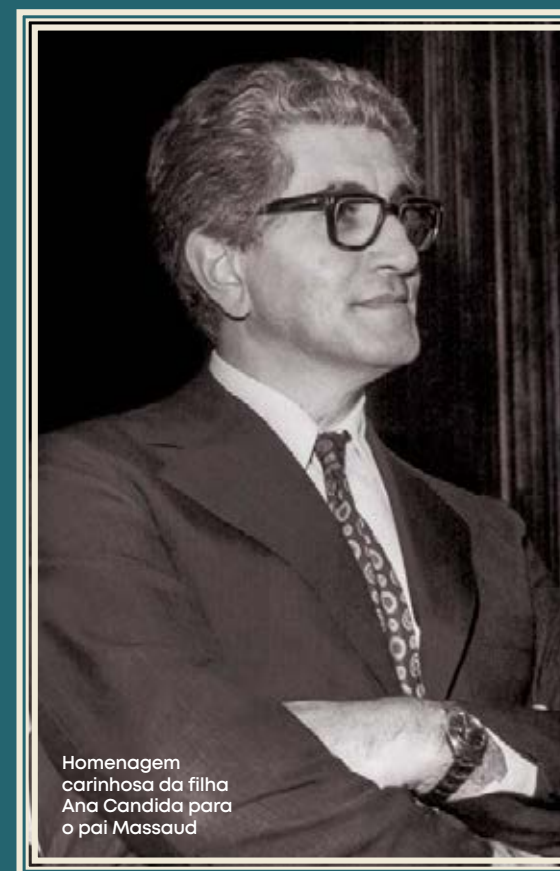
Lembro dele falando da infância, no Pari/Canindé, com os sete irmãos. Ele descrevendo o cheiro do bairro, o sabor da comida preparada pela minha avó, dos muitos desafios financeiros enfrentados daquela época, sem nenhuma tristeza ou mesmo orgulho. Eram tempos simples quando se jogava bola-de-gude na rua e ele foi muito tarde para a escola. Se não me engano, perto dos 9 anos de idade, quando ganhou o primeiro par de sapatos.

Apesar dos problemas, eram todos felizes e muito unidos. Havia ainda sensação de que a cultura árabe, povo que havia criado grandes pensadores, matemáticos, gramáticos, tinha sua grandeza subestimada pelo resto do mundo. Obviamente, esta pode ser a minha interpretação, a de uma menina ouvindo as histórias de seu pai.

Lembro-me quando ele me explicava a origem dos nomes árabes e possivelmente do nosso. Mais uma vez, pode ser que minha memória seja um tanto imprecisa, mas sempre contei a todos que meu bisavô se chamava Mussa Mahul (Makul) e que os nomes dos patriarcas viravam sobrenome para identificar a família. Provavelmente o Mussa fora traduzido para Moisés.

Se eu fechar os olhos, posso ouvir o orgulho com que ele falava das origens árabes, de sua origem libanesa, que significavam cultura, mesa farta, família reunida, amor ao trabalho e, acima de tudo, autenticidade. Com um pouco de drama, obviamente.

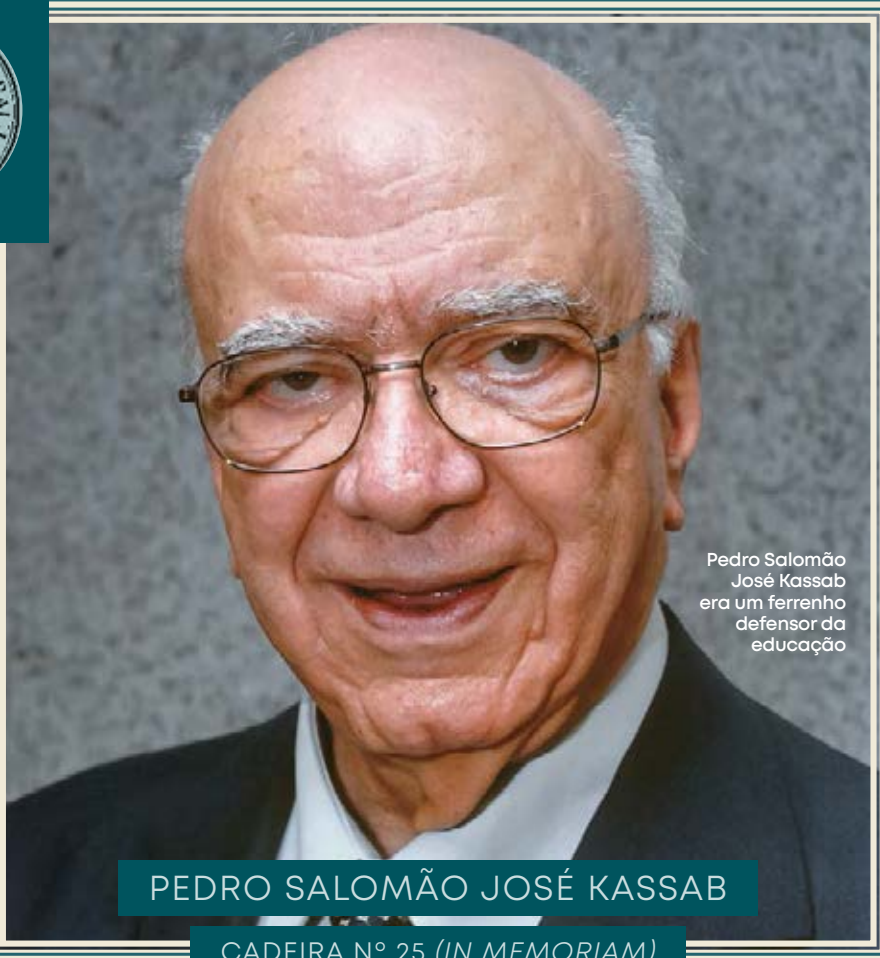
Fiz a maior parte da minha carreira profissional em empresas de tecnologia, mais especificamente na publicidade online. Trabalhei



Homenagem carinhosa da filha Ana Cândida para o pai Massaud

10 anos na Microsoft, quatro no Yahoo e estou há cinco no LinkedIn, entre Londres e Nova York. Na infância e na adolescência, estudei no colégio Dante Alighieri e me formei na ESPM, em Administração com especialização em Marketing. Tenho um MBA executivo em gestão de pessoas. Cheguei a cursar dois anos de Letras, na USP. Segundo meu pai, apenas porque era apaixonada pela leitura. O que me remete ao fato de que, nas férias escolares, estimulada por ele, lia mais de 12 livros em vez de assistir TV. Nunca fui ao Líbano e meu pai tampouco, mas em nossas conversas ficava evidente a admiração dele pela Paris do Oriente (Beirute) e pelo que deve ter sido uma nação grandiosa antes da guerra civil.

A mim, só resta honrar a lembrança desse pai libanês de mãos grandes, gestos suaves e mente brilhante.”



Pedro Salomão José Kassab
era um ferrenho
defensor da
educação

PEDRO SALOMÃO JOSÉ KASSAB

CADEIRA Nº 25 (IN MEMORIAM)

EDUCAÇÃO EM PRIMEIRO LUGAR

Médico, professor, jornalista e escritor membro da Academia Paulista de Letras, Pedro Salomão José Kassab se destacou em tudo que realizou em 79 anos de vida. E costumava afirmar “a educação tem prevalência sobre tudo ou nada acontece”

Filho do libanês Salomão José Kassab - natural de Abadiyeh - e da mineira de Poços de Caldas, Luiza David Kassab, Pedro Salomão José Kassab nasceu em 17 de maio de 1930, na cidade de São Paulo, e faleceu em 15 de setembro de 2009, mesmo ano em que foi eleito para a Academia Paulista de Letras, por muitas publicações nos mais diversos setores culturais. Teve uma vida marcada pela forte atuação nos campos da Medicina e da Educação, sendo membro de inúmeras associações e entidades e colecionando prêmios.

Acima de tudo, Pedro Kassab era um ferrenho defensor da educação, principalmente a pública. Era também pai de sete filhos, entre eles o ex-prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab. Quem falou sobre a trajetória do pai para Carta do Líbano foi a filha Márcia Kassab: “Ele sempre dizia que a educação tem prevalência sobre tudo ou nada acontece. Por isso, abordava o assunto em todas as suas palestras”, declara.

Em 79 anos de vida, o acadêmico não esqueceu as origens e visitou o Líbano pouco antes de morrer, em 2009: “Quem o acompanhou foi o neto mais velho”, conta Márcia. “Havia um grande sentimento de gratidão e afeto, cada vez que ele o apresentava com alegria ‘a quarta geração’ para um parente ou amigo libanês”, diz.

Por lá, ele se reuniu com várias pessoas da família e foi ao túmulo da mãe que, apesar de nascida no Brasil, foi enterrada no Líbano, pois faleceu enquanto visitava o país. Já seu pai,

“Vários médicos diziam que se não fosse por meu pai, não teriam feito Medicina”, orgulha-se a filha Márcia

nascido no Líbano, está enterrado aqui no Brasil”, recorda Márcia. Pedro era o mais novo de nove irmãos: Olga, Anis, Júlia, Najla, Sálua, José - que morreu aos 3 anos de idade - Fuad e Álvaro. Todos nascidos no Brasil.

Na infância e adolescência, entre 1938 e 1944, ele participou continuamente do grupo teatral amador mantido pela Igreja do Calvário (Padres Passionistas). Aos 17 anos, foi um dos primeiros colocados no exame para ingresso na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Formou-se em 1953 e orgulhava-se de ter vários membros da família graduados na mesma universidade. Os filhos passaram pela Engenharia, Economia e Oceanografia, enquanto dois entre os dez netos, Pedro e Marcos, também a Escola Politécnica e as netas, Cláudia e Victória, formaram-se em Arquitetura.

Entre os vários pontos altos da trajetória de Pedro Kassab está a atuação como professor. Em 1949, ele passou no concurso para professor de Física do Curso Oswaldo Cruz, do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP. Bem antes dos cursinhos da atualidade, Pedro já encantava os futuros calouros com inspiradas aulas de preparação para os exames vestibulares na instituição e, posteriormente, no Curso Di Tulio. “Vários médicos diziam que se não fosse por meu pai, não teriam feito Medicina. Durante a expectativa de entrar na faculdade, esbarravam na Física, e contavam que aprenderam tão bem com ele que entraram na USP. Ele realmente tinha o dom para o ensino”, orgulha-se a filha.

“Acima de tudo, Pedro Kassab era um ferrenho defensor da educação, principalmente a pública”

“Em 1957, foi convidado a dirigir o **Liceu Pasteur**, centro de convergência cultural entre Brasil e França, em São Paulo”

A SEDUÇÃO DAS PALAVRAS

Leitor voraz, Pedro Kassab era dono de prodigiosa memória e meticuloso no uso das palavras. Costumava brincar com os colegas usando vocábulos pouco usuais. Para pedir um caderno de anotações, por exemplo, dizia “calepino” ou “canhenho”.

Graças à habilidade com as Letras, conquistou espaço também na imprensa. Entre 1956 e 1959 foi responsável pela editoria de Biologia e Medicina do jornal “Folha de S.Paulo”. Também atuou como diretor, consultor ou colaborador de inúmeras publicações relacionadas às suas atividades, como a “Revista”, o “Boletim”, e o “Jornal da Associação Médica Brasileira”. Ainda na área de comunicação, foi membro do Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária (CONAR) desde a fundação, em 1980. No aniversário de 25 anos do Conselho recebeu o título de Sócio Honorário.

Em 1957, foi convidado a dirigir o Liceu Pasteur, centro de convergência cultural entre Brasil e França, em São Paulo, onde permaneceu mais de 50 anos. Por conta dessa atuação recebeu várias homenagens do governo francês - como a Ordem Nacional do Mérito França e Palmas Acadêmicas - e do governo brasileiro - a Medalha do Mérito Acadêmico, conferida pela Escola Paulista de Magistratura - além de outras honrarias de governos de estado e prefeituras. “Ele sabia a história de tudo. Lia muito e gostava de compartilhar seus conhecimentos”, diz Márcia.

Um de seus grandes amigos era o jurista Ives Gandra da Silva Martins, que declarou: “Era uma

pessoa cordata, serena, precisa na busca das soluções; sem julgamentos precipitados sobre o caráter das pessoas e os acontecimentos em geral, mas profundamente leal aos compromissos assumidos e às pessoas com quem mantinha relações de cordialidade e apreço”, em depoimento à biografia de Pedro Kassab, publicada pela Associação Paulista de Medicina.

Foi presidente da Associação Médica Mundial, de 1976 a 1977, tendo sido membro do seu Conselho, de 1975 a 1983. E entre 1973 e 1998 integrou ininterruptamente várias comissões da entidade, por vezes presidindo-as, como em Ética Médica e Assuntos Médicos-Sociais, Planejamento, Finanças, Estatutos e Normas.

Também foi membro do Conselho de Economia, Sociologia e Política da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, desde 1978. E, como estudante, presidiu a Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz da Faculdade de Medicina da USP. Convidado a participar - devido à larga experiência no trato dos temas vinculados à pasta - como membro do Conselho Estadual da Educação em 2003, veio a ocupar a presidência da entidade este nas gestões 2006 e 2007.

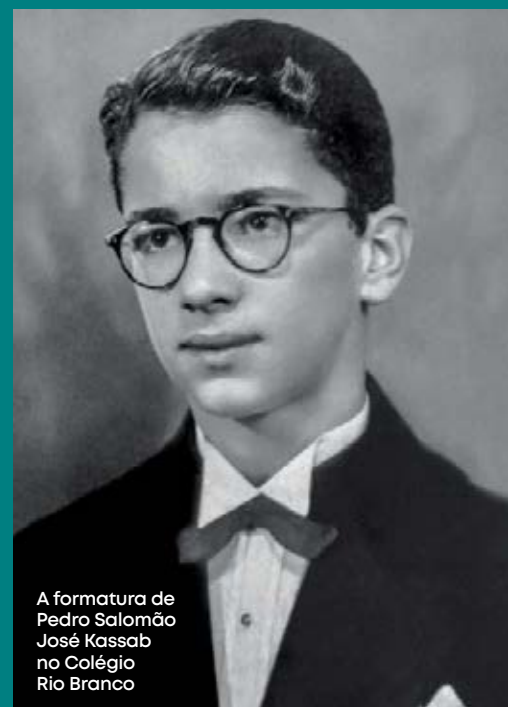
Pedro Kassab tinha imenso prazer em descobrir preciosidades que agradavam os amigos, como o poeta Paulo Bomfim - morto em 2019 - e a escritora Lygia Fagundes Telles, como revela Marcia: “Assim como meu pai, Lygia também gostava de serestas. Tinha o disco, o livro e eu fazia cópia para encaminhar para ela”.

O legado de Pedro Kassab continuou dando frutos

“Leitor voraz, Pedro Kassab era dono de **prodigiosa memória e meticuloso no uso das palavras**”



Salomão e Luiza com os filhos, Olga, Júlia, Anis, Najla, Sálua, Fuad, Álvaro e Pedro



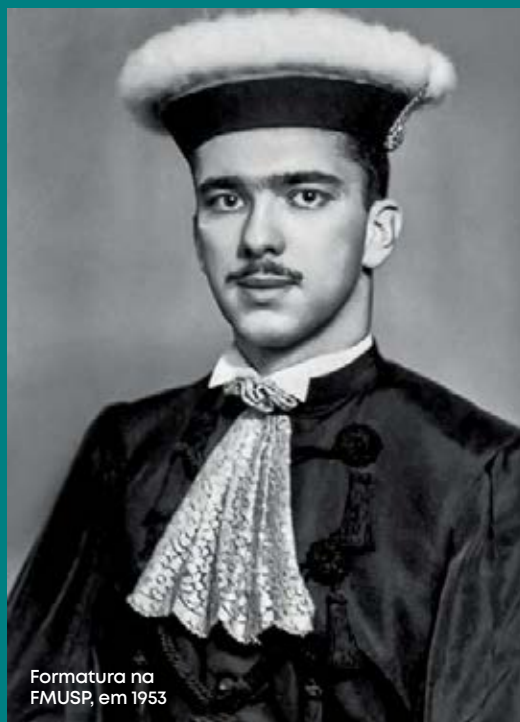
A formatura de Pedro Salomão José Kassab no Colégio Rio Branco



Os irmãos Kassab: Sálua, Pedro, Júlia, Álvaro, Najla, Anis, Olga e Fuad



Pedro e Yacy na posse da presidência da Associação Médica Mundial



Formatura na FMUSP, em 1953



O ministro Gilberto Kassab entre os pais, Pedro e Yacy



Pedro e Yacy com os netos Pedro, Cláudia, Fernando, Ana Paula, Ana Laura, Lucas, Victória, Marcos e Luís Victor

depois de sua morte. Em 2011 foi criado o prêmio que leva seu nome concedido pela Associação Paulista de Fundações, da qual era vice-presidente. O objetivo é reconhecer iniciativas ligadas à defesa do saber, da liberdade individual e do bem comum, como a do o maestro João Carlos Martins junto à Associação de Apoio à Criança com Câncer (AACC).

MARIDO, PAI, AVÔ E AMIGO

Fazendo jus às raízes libanesas, Pedro tinha na família o alicerce da vida. Casado com Yacy Kassab, tiveram sete filhos: Pedro, Sérgio, Márcia, Renato, Gilberto, Marcos e Cláudio; e 10 netos: Pedro, Cláudia, Fernando, Ana Paula, Ana Laura, Victoria, Lucas, Luís Victor, Marcos e Vivian. “Ele era um pai maravilhoso. Não passava muito tempo em casa, mas quando ficava, jogava xadrez, conversava, via o livro que cada um leu. Ele se interessava pela vida cultural dos filhos. Nem víamos televisão quase, a gente lia, jogava, fazia cursos. Era muito bom”, diz Márcia.

Ele costumava acordar bem cedo e sua casa, localizada próxima à Praça Pan-Americana, no Alto de Pinheiros, era alegre, movimentada, repleta de árvores e animais domésticos (cães, gatos e pássaros). A família unida frequentava o Clube Pinheiros e, nas férias, o destino preferido era a cidade de Santos. Os finais de semana eram sempre em família, quando mais de 20 pessoas se reuniam para o almoço de domingo. Além de ajudar a mulher - ela também descendente de libaneses e italianos - nos aperitivos e na hora de pôr a mesa, Pedro Kassab entretinha os presentes com o talento único para contar histórias.

“Ele não falava muito, mas quando começava, na

“**Fazendo jus às raízes libanesas, Pedro tinha na família o alicerce da vida. Casado com Yacy, tiveram sete filhos**”

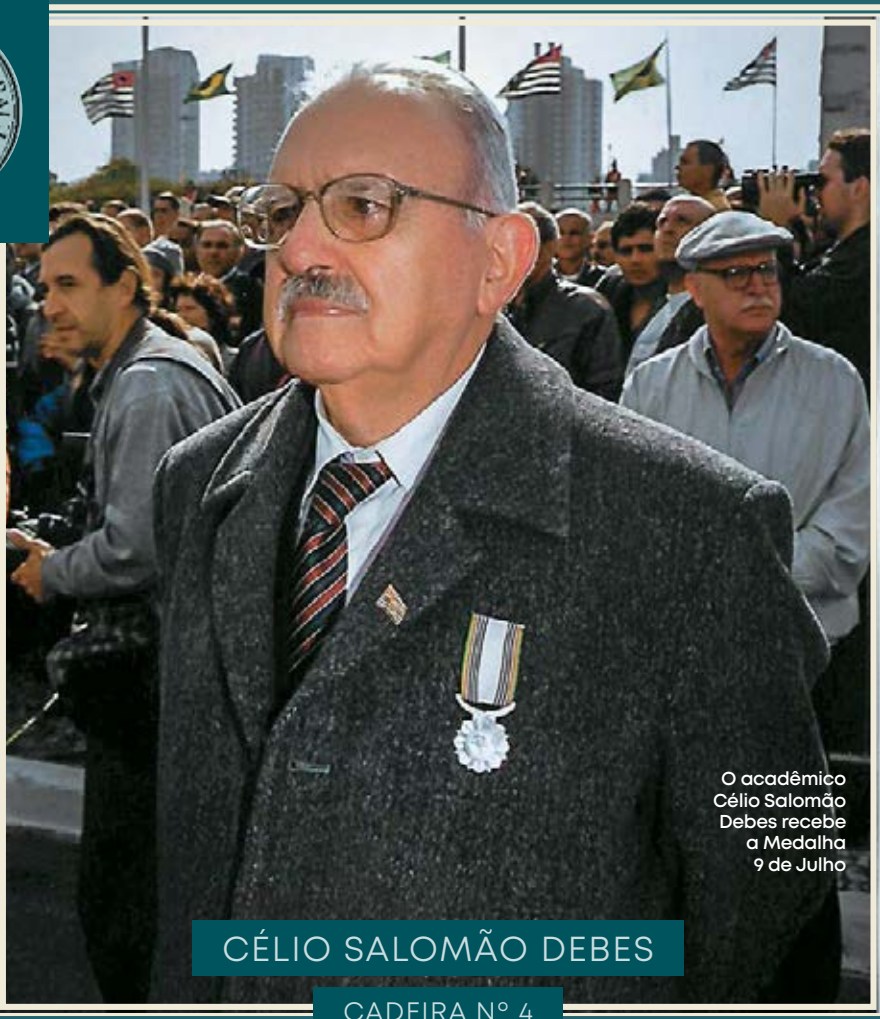
“**Ele acreditava em Deus, ainda que achasse que a fé na existência de Deus não poderia ser explicada por métodos científicos**”

hora clareava o pensamento. Sinto uma falta danada de conversar com ele. Uma simples sentença que ele proferia já colocava nosso raciocínio no lugar, ele sabia direcionar o pensamento. Talvez por isso fosse uma pessoa muito dada, tinha tempo para todo mundo. Meu se dispunha a atender a todos e sempre estava disposto a ajudar”, diz Marcia saudosa.

Os passatempos favoritos eram palavras cruzadas, filmes de faroeste, jogos de futebol ou se entreter montando quebra-cabeças ou resolvendo os cálculos numéricos do sudoku. Era torcedor do São Paulo e fazia questão de dizer: “Todos aqui em casa têm São Paulo nas veias e nas artérias”.

Na biografia publicada pela Academia de Medicina, o filho Gilberto Kassab disse: “Ele gostava da família, não apenas da nossa família, mas da família como instituição, de todas as famílias”. E também que “ele acreditava em Deus, ainda que achasse que a fé na existência de Deus não poderia ser explicada por métodos científicos”. E ainda: “Ao longo de toda sua vida, destacou- se pela atenção que dispensava às pessoas. Ele era justo, amoroso... uma dezena de adjetivos não seriam suficientes para descrevê-lo”.

Antes de morrer, Pedro Kassab estava preparando três livros, obras que dizia “tenho que escrever”. “Os livros já estavam os na cabeça dele. Havia um, ele contava, com histórias pitorescas, outro sobre acontecimentos variados e um último sobre fatos que ele comentava havia 50 anos e estão acontecendo agora. Meu pai tinha uma visão muito lúcida do mundo e do futuro”, afirma Márcia com orgulho e muito amor. ■



CÉLIO SALOMÃO DEBES

CADEIRA Nº 4

DESUVENDANDO OS CAMINHOS DA REPÚBLICA

Filho de imigrante libanês, o advogado Célio Debes contou em livros a história de três presidentes e é membro da Academia Paulista de Letras

Nascido na capital paulista em 1926, Célio Salomão Debes é o filho mais velho do imigrante libanês David Debes, cuja origem vem da cidade de Jdita Chtaura, e de Chames Debes, descendente de libaneses nascida no município paulista de Aparecida do Norte. Seu irmão, Antônio Carlos Debes, já falecido, foi notório médico do Hospital das Clínicas.

Célio casou-se com Consuelo de Amorim Debes, com quem teve 4 filhos: Célia (já falecida), Célio Jr., Marina e David. Tem ainda oito netos: Marianna, Polyana, Cláudia, Júlio, Marcelo, Marcela, Eduardo e Carolina, além da bisneta Manuela.

Advogado, formou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1950, e tornou-se mestre em História, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1975. Em uma trajetória profissional de quase sete décadas, notabilizou-se por obras de cunho histórico, sobretudo os volumes dedicados aos presidentes da República, Campos Salles (1898-1902), Washington Luís (1926-1930) e Júlio Prestes (eleito, porém não empossado devido à Revolução de 1930) - todos paulistas.

Também é autor de inúmeros ensaios e conferencista dos mais respeitados. Trabalhou como sub-chefe do Departamento Legal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Chegou a ser Procurador do Estado e chefe da Procuradoria junto ao Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. Também integrou o quadro de substitutos de

“Mário Salomão Debes também é autor de inúmeros ensaios e conferencista dos mais respeitados”

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (1984-1991), tendo exercido a substituição em 1991. Foi também conferencista sobre Estudos de Problemas Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Em 1994, assumiu a cadeira número 4 da Academia Paulista de Letras. Lá, participou da Comissão de Redação da Revista (1995-1999) e exerceu, interinamente, a presidência entre 2003 e 2004. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Paulista de História, da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), da Associação dos antigos alunos da Faculdade de Direito (USP) e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Sua trajetória no mundo das letras começou com a publicação do trabalho “Evocações da Turma Acadêmica de 1950”, editada em 1960 pela Indústria Gráfica Bentivegna Editora. Depois, em 1968, veio “A Caminho do Oeste”, com subsídios para a história Companhia Paulista de Estradas de Ferro e das Ferrovias de São Paulo, em uma edição comemorativa pelo centenário da companhia.

O interesse pela estrutura e atuação do Partido Republicano de São Paulo na propaganda rendeu uma monografia apresentada, em 1975, no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Na época, o texto foi aprovado com distinção pela banca formada pelos professores Edgard Carone,



Cercado por filhos e netos, o advogado e acadêmico Célio Salomão Debes curte seus 93 anos de vida e realizações

Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa e Emanuel Soares da Veiga Garcia. Depois, o texto que apresentou a propagando do Partido Republicano, entre 1872 e 1889, acabou virando um livro não-acadêmico.

As histórias dos presidentes exerciam fascínio sobre Célio Debes, que as transformou em livros. “Campos Salles - Perfil de um Estadista” foi o primeiro deles, publicado em 1977. O trabalho conquistou o primeiro lugar no concurso sobre a vida e obra do ex-presidente e também conquistou a menção honrosa no Pen Center, em 1979.

Depois, em 1982, publicou “Júlio Prestes e a Primeira República” e “Júlio Prestes e a Revolução de 32”. Mais tarde, em 1994 e em 2002, vieram as obras dedicadas a “Washington Luís” (volumes I e II). Em sua trajetória nas letras, também escreveu inúmeros ensaios, artigos e conferências

- entre os quais, “Os Movimentos Abolicionista e Republicano e a Faculdade de Direito de São Paulo”, “Relações de Trabalho no Brasil: Aspectos de Sua Evolução Histórica” e “Washington Luís, Sucessor de Mário de Andrade”. ■

“ Sua trajetória no mundo das letras começou com a publicação do trabalho *Evocações da Turma Acadêmica de 1950* ”



CENTERBRÁS-AG



O espaço ideal para instalar sua empresa ou armazenar seus produtos. Salas comerciais modulares e espaços para lojas e depósitos de diferentes dimensões.

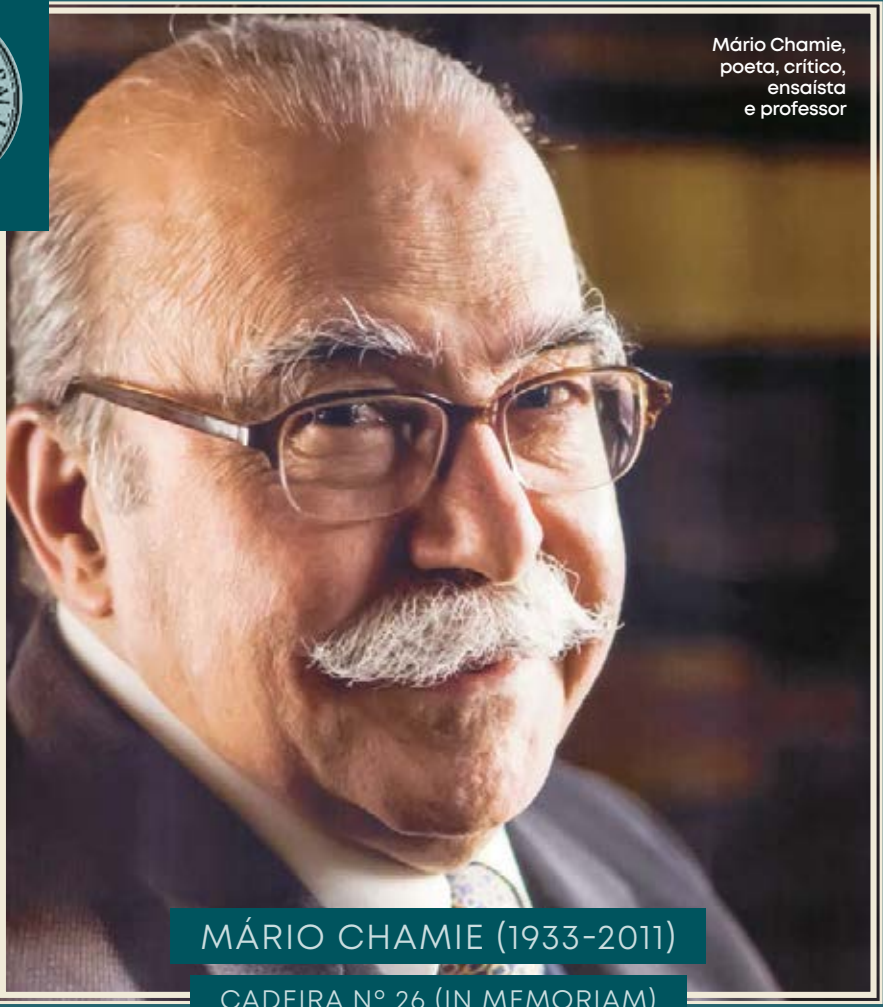
No CenterBrás-AG você encontra diversos tipos de serviços úteis para o dia a dia das empresas e de seus profissionais como Restaurantes, Correios, Agências Bancárias, Caixas

Eletrônicos, Agências de Viagem e uma infraestrutura completa para a instalação de sua empresa. O estacionamento possui uma capacidade rotativa para cerca de mil carros.

www.centerbras.com.br - (11) 3322-7000



Mário Chamie,
poeta, crítico,
ensaísta
e professor



MÁRIO CHAMIE (1933-2011)

CADEIRA Nº 26 (IN MEMORIAM)

A POESIA COMO MISSÃO

Em versos, ele abraçou e deu continuidade à vanguarda dos anos 50. Foi porta voz da literatura brasileira no mundo e apresentou a cultura de “portas abertas” para São Paulo

Conhecido sobretudo por sua produção poética, o escritor, crítico e ensaísta Mário Chamie foi uma figura de ponta na cena cultural de São Paulo entre os anos 1979 e 1983, ao assumir o cargo de secretário de Cultura da cidade - quando criou o Centro Cultural São Paulo e reorganizou a Pinacoteca Municipal. “Um espaço sem portas, para que todos possam entrar”, costumava dizer sobre o Centro Cultural.

Descendente de árabes, nasceu na cidade de Cajobi, no interior paulista, em 1933, filho dos imigrantes sírios José e Maria Chamie, naturais de Damasco. Ele teve seis irmãos: Nour (nascida na Síria), Odete, Loré, Elias, Milton e Miguel. O pai era comerciante, proprietário da Casa de Época, que vendia de tudo, como era a tradição deixada pelos pioneiros mascates.

Mário se formou em Direito, pela USP, em 1956, além de ser doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Seu primeiro livro, “Espaço Inaugural” (1955) estava alinhado ao movimento vanguardista da Poesia Concreta, assim como as duas obras seguintes, “O Lugar” (1957) e “Os Rodízios” (1958). A ligação com o Concretismo, entretanto, foi rompida no início da década seguinte ao lançar “Lavra Lavra” (1962), inaugurando o movimento Poesia Práxis e vencendo o Prêmio Jabuti da categoria. “A poesia é a metaexpressão de todas as artes”, definia. Sua dedicação à vanguarda artística o levou a iniciar uma série de palestras, inclusive sobre a “nova literatura brasileira”, que lhe rendeu

“Mário Chamie casou-se com a designer e coreógrafa **Emilie Chamie**, em 1959. Ela era nascida no Líbano”

FOTOS: MARCIO SCAVONE

“Seu primeiro livro, **Espaço Inaugural** (1955) estava alinhado ao movimento vanguardista da **Poesia Concreta**”

convites para falar às plateias no Líbano, Síria, Egito, Itália, Alemanha e Suíça, entre 1963 e 1964 - a serviço do ministério das Relações Exteriores. Bem como nas universidades americanas de Nova York, Harvard, Columbia, Princeton, Wisconsin e Califórnia (UCLA), onde foi professor do futuro astro do rock, Jim Morrison (1943-1971), líder da banda The Doors, com quem manteve vasta correspondência.

Além da revista Práxis, ligada ao movimento poético - entre os colaboradores estavam o ensaísta José Guilherme Merquior e o cineasta Cacá Diegues - Chamie colaborava com a revista “Mirante das Artes”, dirigida por Pietro Maria Bardi, diretor do Masp.

Publicou os volumes de poesia “Now Tomorrow Mau”, “Planoplenário”, “Indústria”, “Conquista de Terreno”, “Objeto Selvagem”, “Sábado na Hora da Escuta” e “A Quinta Parede”, entre outros. Em sua obra de ensaios, destacam-se: “Intertexto”, “A Transgressão do Texto”, “Instauração Práxis”, “Mário de Andrade: Discurso Carnavalesco”, “A Falação Possessória” e “A Palavra Inscrita”.

Depois de deixar a Secretaria de Cultura de São Paulo, tornou-se membro do Conselho Federal de Cultura e do Conselho Federal de Política Cultural. Entre os muitos prêmios recebidos estão: Nacional de Poesia, Melhor Obra Poética (da Associação Paulista dos Críticos de Arte), Alphonsus de Guimaraens-Fundação Biblioteca Nacional, Governador do Estado de São Paulo e Medalha de Valor e Mérito do Governo Português. Foi traduzido

“Meu pai era um homem muito inteligente, espirituoso, aprendi com ele o gosto pela arte”, diz a filha Lina

para o inglês, francês, espanhol, alemão, italiano, holandês, árabe e tcheco.

Mário Chamie casou-se com a designer e coreógrafa Emilie Chamie, em 1959. Ela era nascida no Líbano e os dois se conheceram na cidade de Olímpia, no interior paulista. Permaneceram casados até a morte de Emilie, em 2000. O casal teve uma filha, Lina Chamie, nascida em 1961 e hoje cineasta.

“Meu pai teve uma carreira brilhante. Era um homem muito inteligente, espirituoso, aprendi com ele o gosto pela arte”, diz Lina Chamie. “Meus pais se completavam. Nossa casa era um ambiente intelectualmente instigante, sempre frequentada por escritores, intelectuais e onde se ouviam conversas interessantes”, conta. Ela se lembra com carinho da biblioteca da casa, onde passava muito tempo com o pai poeta: “Um dia ele me falava sobre o tempo e comentei: ‘Amanhã é o hoje que vem vindo’. Essa frase virou a abertura do meu livro ‘Indústria’, uma obra de poesias Práxis”, diz orgulhosa.

Além da arte e da poesia, Mário Chamie também iniciou a filha em outra de suas paixões, o futebol. Ele a levava, ainda menina de 7 ou 8 anos, para ver os jogos do seu time do coração, o Santos Futebol Clube, e as evoluções em campo de seu ídolo máximo, o rei Pelé. “Virei santista fanática, a ponto de descer a Serra do Mar, até Santos, só para assistir um jogo no estádio da Vila Belmiro”, revela a cineasta que já dirigiu vários longa metragens de ficção e documentários, entre eles dois sobre o clube que aprendeu a amar. O primeiro, “Santos,



Mário Chamie em viagem à Paris

100 Anos de Futebol Arte”, dedicado ao pai, foi lançado em 2012, e “Santos de Todos os Gols”, lançado em 2019. “Sinto que alguns filmes meus têm a poesia de meu pai”, conclui.

Mário Chamie morreu aos 78 anos, de câncer, em 2011, ainda ativo e com projeto para mais um livro. Dizia: “O mal é ver na poesia, sobretudo, um meio privilegiado de glória, reconhecimento ou consagração pública. Quem a cultiva em busca desse tipo de recompensa errou o caminho”. ■

“Mário Chamie morreu aos 78 anos, de câncer, em 2011, ainda ativo e com projeto para mais um livro”

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Mário Chamie em visita às pirâmides no Egito



AUTO-ESTIMA

Sou Chamie, venho de Damasco. Franco-egípcio é o meu passado. Sírio sou helenizado.

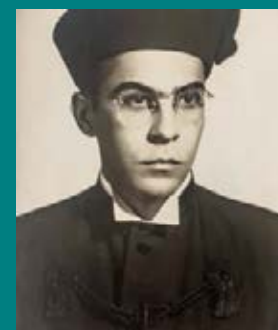
De Damasco ao meu legado, sou católico e islâmico, copta apostólico catequizado.

No pórtico mediterrâneo, sou ático e arábico. Vou contra o deserto de desafetos contrários.

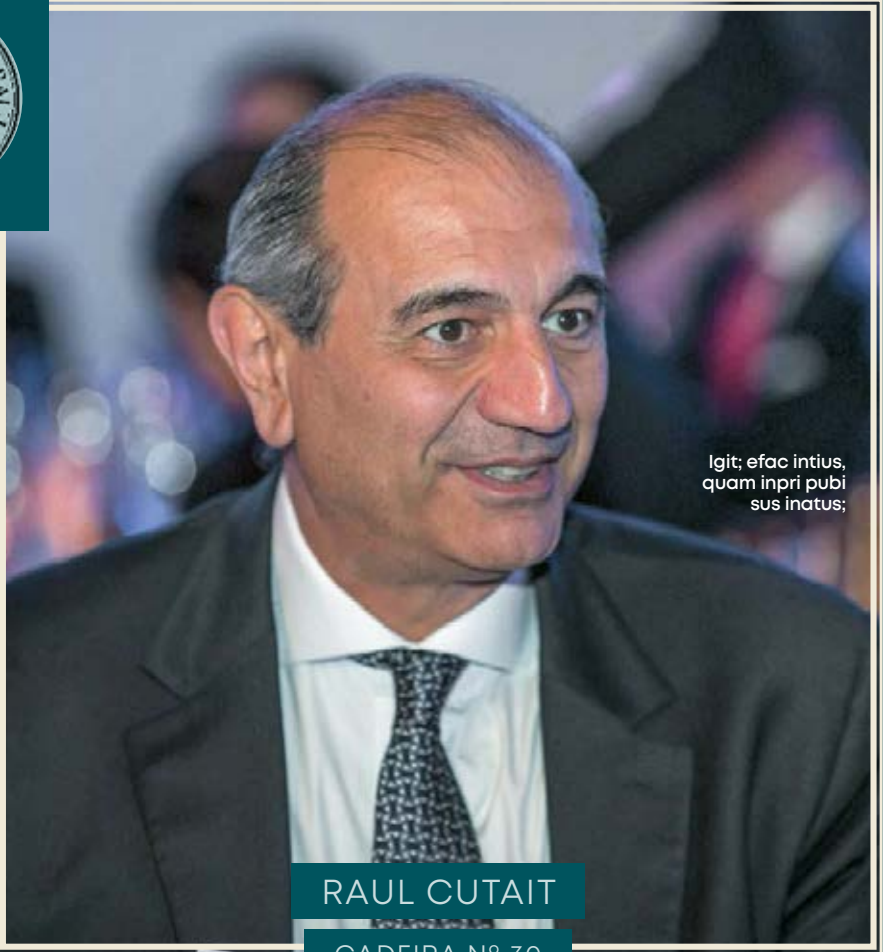
Sem custo nem preço que se meça, em nome de meu gênio atlântico e adriático, desprezo a cabeça e a sentença de meus adversários, adversos e vicários.

Sou Chamie, Mário. Franco-egípcio é o meu passado. Por onde entro, venho de Damasco pela porta do apóstolo Paulo. Sírio sou helenizado. Venho de Damasco, por onde saio.

- Mário Chamie, do livro “Caravana Contrária”.



No sentido horário: Mário Chamie na formatura; com sua mulher, Emilie Chamie, pioneira do design gráfico no Brasil e a filha, a cineasta Lina Chamie



Igit; efac intius,
quam in pri pubi
sus inatus;

RAUL CUTAIT

CADEIRA Nº 30

O MÉDICO DOS PRESIDENTES

Por suas habilidosas mãos de cirurgião brilhante já passaram nomes da política como Lula, Dilma Roussef, Itamar Franco, José Sarney, Bruno Covas e o ator Reynaldo Gianecchini. Em uma conversa descontraída, o médico e membro da Academia Paulista de Letras, Raul Cutait, fala das origens árabes, da família e do amor pela profissão

Professor de Cirurgia da Faculdade de Medicina da USP, o médico Raul Cutait é uma das referências do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Ele chegou inclusive a ser convidado para ser ministro da Saúde, porém declinou, pois é na prática diária da Medicina que encontra seu caminho. Algo muito caro aos valores e à cultura libanesas, transmitidas por seus pais descendentes de imigrantes. Para saber mais sobre essas raízes milenares e sua influência na vida e obra de um dos mais renomados cirurgiões do País, o diretor de redação de CARTA DO LÍBANO, Fouad Naime, conversou com Cutait.

O avós eram libaneses: “Meu avô, Elias Cutait, chegou aqui no fim do século 19, aos 13 anos de idade. Veio do jeito como vieram outros imigrantes libaneses na época. Ele conhecia alguém de sua aldeia que já estava no Brasil. Não sabia nada da língua, não tinha nada de dinheiro, nada de nada”, conta o doutor. Para todos a viagem representava a descoberta da América, porque não faziam ideia se iriam aportar em Santos, São Luís do Maranhão ou Buenos Aires.

No Brasil, Elias acabou seguindo o caminho dos conterrâneos que aqui chegaram antes dele. Aprendeu português, trabalhou desde o dia em que chegou e conseguiu juntar algum dinheiro, o que lhe permitiu abrir um pequeno comércio. Também como tantos outros, retornou ao Líbano para se casar. “Meu avô se casou com Eugenie Zurob, uma mulher muito culta, que inclusive havia cursado a Universidade Americana de Beirute, em uma época em que mulheres praticamente não estudavam. pouco estudava. Sempre me questionei como ele conseguiu conquistar minha avó. Ele, um autodidata, e ela uma mulher especial para a sua época”, pondera.

O casal viveu um tempo no Líbano, onde nasceram dois filhos, até que Elias resolveu emigrar de vez para o Brasil. “Por aqui nasceram outros cinco filhos, sendo meu pai o mais velho”, relata. “Meu avô voltou com o firme intuito de se tornar brasileiro. Mal falava árabe em casa. Na época, a colônia se protegia se relacionando entre si, mas

“**Sou daquela geração que não aprendeu o árabe. Quando se é criança, a gente não valoriza, mas hoje me chateio por não saber**”

meu avô queria ser visto como um brasileiro nativo”, recorda e afirma que entende a decisão do avô. “Para se ambientar e se aculturar, ele não poderia se sentir um expatriado. Tinha que se sentir brasileiro, porém sem perder as raízes libanesas”, ressalva.

Mais tarde, chegou a época de seu pai, Daher Cutait, fazer faculdade e aí começou a se desenhar o destino dele, Raul Cutait, ante mesmo de nascer. “Minha avó paterna era de uma família em que há muitas gerações sempre havia um médico. Ela contou esse fato a meu pai e disse que gostaria que ele fosse o médico da família, o que ele acatou com prazer. Estudou e se formou na Faculdade de Medicina na USP, a única que existia na época em São Paulo”. Daher gostava muito de futebol e jogava no time que viria a ser o São Paulo Futebol Clube, porém teve de decidir entre ser jogador ou médico. Acabou optando pela Medicina. “Mas era um fominha. Adorava futebol”, lembra o filho, com carinho.

Ao se formar, o ex-quase craque de futebol mudou-se para os Estados Unidos a fim de cursar um especialização. Na volta, casou-se com Yvonne, filha de um sírio de Homs - a mãe dela, na verdade, nunca soube ao certo quais eram conheceu suas raízes árabes. Na família de Yvonne, a bisavó de Raul Cutait nunca havia aprendido o português e a avó mal falava o idioma. Por isso sua mãe era fluente no árabe e, mesmo assim, nunca usava o idioma para se comunicar com os filhos. “Sou daquela geração que não aprendeu o árabe. Quando se é criança, a gente não valoriza, mas hoje me chateio por não saber. Eu adoraria”, lamenta o médico.



O médico e professor Daher Cutait e seu filho, o acadêmico Raul Cutait

DA CURIOSIDADE AO OFÍCIO

“Fui mordido pela Medicina”, assume Cutait, revelando que o amor pelo ofício foi uma das principais heranças legadas pelo pai. Daher Cutait se tornou um dos cirurgiões mais importantes do Brasil ao longo dos anos, chegando a ser presidente de várias entidades nacionais e internacionais. “O fato é que fui mordido pela Medicina”, diz hoje o filho. “Meu pai tinha um escritório em casa, onde passava boa parte do final de semana, escrevendo artigos científicos e preparando aulas. Lembro, como se fosse ontem, eu sentado ao lado dele, mexendo nas radiografias, olhando com curiosidade e, evidentemente, sem entender nada. Mas o ambiente me agradava e com frequência eu sentava em um canto do escritório e lá ficava fazendo minhas lições do colégio, observando com um canto dos olhos o quanto meu pai estava feliz com o que estava fazendo”.

Durante sua vida, Daher Cutait (1913-2001) publicou mais de 120 artigos em publicações médicas do Brasil e do exterior, colaborou com mais de 40 capítulos em diversos livros, publicou três livros e produziu cerca de dez filmes cirúrgicos, alguns deles premiados em festivais internacionais. Como conferencista, participou de mais de 250 eventos nacionais e internacionais e apresentou, em colaboração, mais de 500 contribuições científicas. O filho Raul não poderia ter tido melhor referência e inspiração.

Aos domingos, o dr. Daher colocava os três filhos no carro e ia passar visita aos pacientes no Hospital

Osvaldo Cruz. As crianças ficavam brincando no pátio, com um enorme jardim, mas eventualmente Raul pedia para acompanhar o pai nas visitas e, quando era alguém com quem o médico tinha mais proximidade, o pequeno Raul recebia permissão para entrar no quarto do hospital. “Eu ficava na ponta dos pés e esticava o pescoço para ver meu pai fazer um curativo”, lembra.

Na adolescência, Raul estudou no Colégio São Luís, uma escola voltada para a preparar futuros engenheiros, do qual ele gostava muito. Mas acabou se transferindo para o Colégio Bandeirantes, que preparava os alunos para a faculdade de Medicina.

Ingressou na USP junto com amigos da turma do colégio e logo se interessou pela cirurgia. Fazia cirurgia experimental, aprendendo as técnicas operando animais. Depois da faculdade, fez residência, doutorado, livre docência na USP e fellowship nos Estados Unidos. Assim como seu pai, abraçou a vida acadêmica e universitária, tornando-se professor da Escola de Medicina da USP.

Especializado em cirurgia digestiva, Raul Cutait é aclamada referência internacional. É também Doutor Honoris Causa pela Universidade de Medicina e Farmácia de Iasi, na Romênia, e membro da honrosa Academia Nacional de Medicina desde 2005. Atuou como Presidente do Conselho Médico do Hospital Sírio Libanês, integra inúmeras entidades médicas e científicas e sua produção científica ostenta mais de uma centena de trabalhos publicados internacionalmente, além de 120 capítulos em diversas obras, escreveu mais de 10 livros e quase

“Além de 120 capítulos em diversas obras, escreveu mais de 10 livros e quase uma centena de artigos sobre Medicina e Saúde”

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Raul Cutait, uma das maiores referências da Medicina do País, presta serviço no Parque Indígena do Xingu



Raul Cutait recebe a Ordem do Mérito Médico do ex-presidente Michel Temer e do ministro da Saúde, Ricardo Barros



Raul Cutait é condecorado com a Commande d'Or pelo presidente do Líbano, Emile Lahoud, em Beirute

uma centena de artigos sobre Medicina e Saúde em jornais diários de grande circulação. Agradado com 15 prêmios científicos, entre eles um por ter o trabalho mais citado na literatura mundial na área de cirurgia realizado no Brasil.

Por seu consultório e sua mesa de cirurgia já passaram vários presidentes e personalidades outras públicas, como os ex-presidentes Lula, Dilma Rousseff, Itamar Franco e José Sarney, além do ator Reynaldo Gianecchini e o atual prefeito de São Paulo, Bruno Covas. Há outros, claro, que ele discretamente não revela. De um desses pacientes, o vice-presidente do governo Lula, José Alencar, Raul Cutait tornou-se um bom amigo e o homenageou com um tributo publicado na “Folha de S.Paulo”, em 2011, por ocasião da morte do político. “Ao longo de quase 14 anos de convívio como um de seus médicos, em que histórias e estórias intermináveis mesclavam-se a discussões sobre suas doenças, aprendi a estimá-lo e a respeitá-lo... No Brasil, acho que Alencar foi o exemplo público máximo de comportamento aberto, dividindo sua doença e seus sentimentos com a população em geral... Na busca de sentir que a vida valeu a pena, até mesmo sem entendê-la em sua plenitude, tentou conquistar amor, felicidade, paz, saúde, sucesso e tantas outras coisas. Para mim, o José chegou lá!”, escreveu no artigo.

LETRAS E MÚSICA

Dono de interesses diversos, Raul Cutait oi convidado em 2010 para integrar a seleta Academia Paulista de Letras, na vaga do empresário José Mindlin, como escritor da área da ciência. “Sempre



O casal Raul e Márcia com os filhos Bianca, Raul e Fernando

me agradou escrever. Tenho uma boa produção científica, mas nunca fui de escrever contos e histórias. A ideia de fazer parte de um grupo com nomes como Lygia Fagundes Telles, Paulo Bonfim e vários outros me fascinava”, orgulha-se. Em sua eleição recebeu 38 dos 39 votos dos acadêmicos, fato bastante raro. “Eu me senti muito dignificado por me tornar membro daquele grupo”, comenta. Seu ingresso resgatou a tradição de um médico na Academia Paulista de Letras, instituição centenária fundada pelo médico carioca Joaquim José de Carvalho.

Raul Cutait descreve assim as experiências na Academia: “Eu me deliciava com as reuniões. Aliás, continuo me deliciando, porque elas são muito plurais, com pessoas de várias áreas. Não é um encontro onde as pessoas ficam se gabando. É uma reunião com nível de humildade exemplar. Conversamos sobre vários assuntos, desde algo relacionado ao próprio vernáculo, a uma expressão idiomática, até os mais variados temas. A mim atrainho muito ouvir pessoas falarem sobre o que fazem, porque lá você encontra maestros, escritores, juristas, atores, tem um pouco de tudo. E cada um com seu viés de vida. Já não sou criança, mas

“*Durante muitos anos, eu operava ouvindo música clássica, mas baixinho. Mozart e Beethoven*”

“*... A integridade, a dedicação, a honestidade, a alegria da vida, tudo isso eu aprendi em casa*”

ainda sou dos mais novos”, calcula. Mas para ele Academia precisa ir além. “É muito agradável para os que a frequentam, porém acredito que é possível fazer muito mais. A Academia poderia se abrir e se integrar mais com a comunidade através de projetos, palestras, concertos, etc”, propõe.

Embora não seja autor de obras literárias, a relação com a literatura é constante. “Todo livro que sei que vou gostar de ler, eu compro. Mas não consigo lê-los todos por pura falta de tempo. Gosto de livros que tratam do comportamento humano e de questionamentos científicos. Estou agora terminando um livro fascinante, do jornalista Laurentino Gomes, chamado “Escravidão”, sobre essa indignidade que aconteceu no Brasil e há milênios acompanha a história da humanidade”, recomenda.

Sobre a rotina diária, Raul declara ter desistido de dormir muito. Pode não ter hora para dormir, mas tem para acordar. Sempre cedo, bem cedo, que é quando escreve e estuda. À noite, cansado, prefere ficar em casa, embora às vezes saia para assistir concertos de música clássica, seu gênero musical preferido. Ou ainda vai às estreias teatrais para as quais é convidado, já que tem muitos amigos na cena cultural de São Paulo.

A música o acompanha até no exercício da profissão. “Durante muitos anos, eu operava ouvindo música clássica, mas baixinho. Mozart e Beethoven”, revela. Uma história interessante relacionada ao tema é que certa vez, quando ia operar um dos maestros mais aclamados do Brasil e o som foi ligado. Mesmo ainda sedado e sonolento, o paciente passou a reger, com as mãos,

a sinfonia que servia de trilha sonora.

“A boa música é uma necessidade, traz harmonia e bem-estar”, define. Seu filho Fernando cursou faculdade de música em Boston, nos Estados Unidos e, para Raul, ele é um privilegiado por ter conseguido fazer da música o ponto principal da sua vida. “Sou um pianista frustrado. Tocava mais ou menos, mais para menos do que para mais. E acredito que se alguém não sabe apreciar a música, está faltando um pedaço. A pessoa pode até levar a vida sem saber ler e escrever, mas não sem a música”, sentencia.

O CORAÇÃO LIBANÊS

“Aprendi com meus pais que se deve fazer o bem para si mesmo e para os outros. A integridade, a dedicação, a honestidade, a alegria da vida, tudo isso eu aprendi em casa”, comenta sobre as lições recebidas dos pais. Além desses valores, Raul também recebeu as heranças da cultura e da culinária árabe. “Na minha casa, comemos comida libanesa ao menos três vezes por semana. Cada vez eu me lembro de meus ancestrais e de onde veio a minha família. Sou um brasileiro pleno, mas não renego minha ascendência”, admite.

A afeição que sente pelo Líbano, a terra de seus antepassados, e o orgulho por suas origens foram passados para os filhos. Em 2004, Raul partiu com esposa Márcia e os três filhos, Bianca, Raul e Fernando, para uma viagem de resgate da memória familiar. “Eles tinham curiosidade em conhecer o Líbano e lá fomos nós passar duas intensas semanas viajando pelo país, conhecendo suas belezas naturais”, lembra. Na época, o presidente era Emile Lahoud, que havia pouco antes visitado o Hospital Sírio-Libanês, ciceroneado por Cutait. Quando sua família chegou ao país, dois carros do governo os esperavam, para levá-los a todos os lugares. No Palácio do governo, Raul Cutait foi condecorado com a ordem “Commande D’Or” e, junto com toda a família, recebeu a cidadania libanesa. “Meus filhos amaram e hoje dois deles vivem em outros países, nos Estados Unidos e na Suíça, onde não há muitos libaneses, mas a ascendência não se esvai”, garante. ■



O professor e acadêmico
Gabriel Chalita



GABRIEL CHALITA

CADEIRA Nº 5

BOAS RAÍZES, BELAS RAÍZES

Depoimento emocionado do escritor, professor e pensador Gabriel Chalita sobre seus avós imigrantes, seus pais amorosos e o Líbano, onde tudo começou.

Para desabrochar e frutificar no Brasil

Líbano. Terra dos meus avós. Terra tantas vezes arrasada pela ação errática dos homens. Guerras. Ódios fermentando uma massa amarga que não alimenta a ninguém. Líbano. Terra das minhas raízes. Terra de afetividade, acolhimento e alegria. Quanta garra, quanta coragem, quanta determinação tem essa gente.

Meus avós paternos, Milhem e Semiuii, casaram-se ainda muito jovens como era o costume da época, numa pequena e bela cidade do Líbano, Bekaa Kafra, no distrito Bsharri, norte do Líbano. Eram como todos os apaixonados, cheios de sonhos, de utopias, de esperança. Partilhavam o desejo interior de conquistar mundos e descortinar horizontes. Meu pai, que não conheceu a cidade natal de seus pais, costumava dizer do orgulho de meu avô em contar, com olhos brilhosos, que viera da mais alta cidade do Líbano.

Levando, na bagagem, todas as lembranças de amor e dor de meu pai sobre sua terra, fui ao Líbano algumas vezes. Que emoção ao entrar na casa em que meus avós viveram. Em Bekaa Kafra. Meu pai, embora nunca estivera lá, descreveu-me a cidade em detalhes de beleza e muito amor. Contou-me das montanhas geladas da cidade que fica próxima do Cedro do Líbano. Orgulhou-se da terra que abrigou um santo. São Charbel viveu vinte e três anos como eremita, em adoração solitária ao Filho de Deus e à sua Mãe Santíssima, numa gruta próxima ao mosteiro de São Pedro e São Paulo. Morreu em 1898, mesmo ano em que meus avós nasceram.

Da cidade de São Charbel, brota inspiração, brota bondade, brota Deus. E é desse lugar abençoado, que brotou a família de meu pai.

O céu de Bekaa Kafra é céu de montanha. Mais puro. Mais limpo. Mais poético. Exatamente como eu a imaginava, criança, inebriado pelas palavras de meu pai. Mas meu pai não falava apenas das belezas, mas também de um cenário triste, desmoronado, testemunho de tantas guerras que cruelmente destruíram diversas vezes a cidade de onde eles e, muitos outros, vieram.

“*Levando, na bagagem, todas as lembranças de amor e dor de meu pai sobre sua terra, fui ao Líbano algumas vezes*”

E foi justamente essa ameaça da guerra maldita pendendo sobre suas cabeças que começou a fazer crescer, no coração de meus avós, o medo do futuro. Ambos queriam filhos, muitos filhos, mas não para crescer numa terra em que as sementes de dor e de medo pudessem florescer a qualquer tempo. Queriam, para seus filhos, uma vida feliz e livre, numa terra em que os vizinhos se amassem sem se importar com a religião professada pelo outro. E começaram a considerar a possibilidade de emigrar, a exemplo do que tinham feito, já, muitos outros membros da família Chalita.

Um dia, meus avós decidiram partir. Partiram partidos, deixando amores em sua terra. Partiram em busca de vida, e vidas foram geradas no país em que nasci. O Brasil acolheu a eles e a tantos outros que chegaram entre lágrimas e sonhos. Corajosos. Trabalhadores. Amorosos.

Não conheci meus avós. Minha avó morreu antes de eu nascer. Meu avô só teve tempo de celebrar minha chegada e partir. Agradeceu a Deus por mais um neto e, um ano depois, foi encontrar sua amada no reino dos céus.

A partida de Beirute foi difícil. Sentimentos misturados. Dor e esperança. Olhos voltados para o mar, corações atados à terra.

Chegando ao Brasil, acabaram fazendo morada em Belo Horizonte. Meu pai foi o segundo filho, nasceu em dezembro de 1916: José Milhem. Dois anos depois, a família mudou-se para a pequena cidade de Cachoeira Paulista. Foi na vizinha cidade de Taubaté, que meu pai avistou minha mãe, Anisse, e por ela se

“Os libaneses têm três características que me fascinam: a coragem, o trabalho e o amor”

apaixonou. Um amor à primeira vista e para sempre.

Meu pai fez da sua vida uma poesia. Singelas eram suas palavras. Seu sofrimento não o embruteceu. Fez-se homem amoroso e semeou em nós os valores que de seus pais recebeu.

Fui ao Líbano, pela primeira vez, convidado para uma série de encontros educacionais e culturais. Conversas proveitosas sobre um país que investe em educação, onde todas as crianças estudam em escola de tempo integral e, além do árabe, aprendem inglês e francês. O Líbano valoriza a educação como a grande oportunidade para serem quem decidirem ser.

Lancei, nessa ocasião, meu primeiro livro em árabe. Uma editora traduziu o meu livro “Sócrates e Tomas More - correspondências imaginárias” para o árabe. Não leio árabe. Mas fiquei virando as páginas do livro como se lesse as páginas da minha história até chegar à minha raiz. Minha mãe leu a capa e chorou de emoção. Ela nasceu na Síria. Também partiu partida por ter que deixar a terra, por ter que ir em busca de um porto seguro.

Os libaneses têm três características que me fascinam: a coragem, o trabalho e o amor. Amam sem economias, choram os seus ausentes e abraçam os que chegam. Servem do que têm para alimentar os seus. Trabalham como necessidade e opção. Gostam de empreender. E o fazem com coragem ímpar.

Árvore que nega raiz tem vida frágil. Tenho orgulho das minhas raízes. Dos meus antepassados. Do colo que me alimentou de esperança e que me apresentou a vida como um presente de Deus e uma missão de não deixar as páginas em branco.



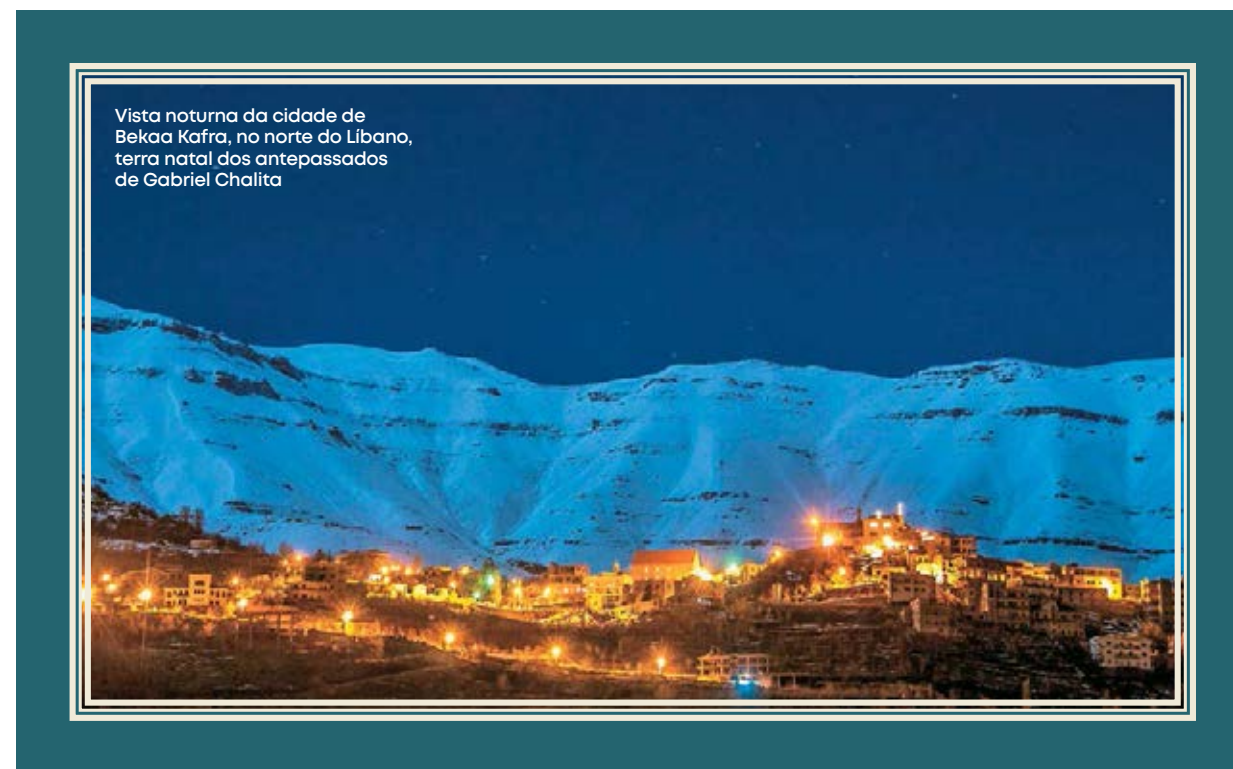
Os pais de Gabriel Chalita: José Milhem Chalita e Anísse Isaac Chalita

Sou escritor, porque assim contribuo modestamente para o mundo em que acredito. Sou professor, porque creio no ser humano e em uma educação que amplie a sua visão fazendo com que enxergue que o amor é mais nobre que a perversidade, que a fraternidade é mais livre que o egoísmo, que o cuidar é o exercício que nos realiza e que a saudade nos faz muito bem.

Saudade dos meus avós que não conheci, saudade do meu pai que está em mim, saudade de um tempo que poderia ser melhor se as pessoas tivessem raízes. Raízes boas. Raízes belas. Belo Cedro do Líbano.

O MAIS JOVEM ACADÊMICO

Gabriel Chalita nasceu em Cachoeira Paulista, em 30 de abril de 1969. Desde criança ostentou pendores para as letras e para a filosofia. É duplamente mestre e duplamente doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Doutor em Filosofia do Direito e em Comunicação e Semiótica e mestre em Direito e Ciências Sociais.



Vista noturna da cidade de Bekaa Kafra, no norte do Líbano, terra natal dos antepassados de Gabriel Chalita

Docente profícuo em várias universidades, dentre as quais a PUC-SP e a Presbiteriana Mackenzie, concilia as aulas na graduação e na pós-graduação e é responsável pela renovação dos quadros de jovens professores universitários, com ênfase na formação filosófica e humanista.

Integra a União Brasileira de Escritores, é o mais jovem Acadêmico da APL, pertence à Academia Brasileira de Educação e, fenômeno editorial, já escreveu cerca de 50 livros, dentre os quais “A ética do Rei Menino”, “Os dez mandamentos da ética”, “Pedagogia do amor, educação: a solução está no afeto”, “Carta aberta para minha mãe”, “O livro dos amores”, “O livro dos sonhos”, “O livro do sol”, “O Poder”, “O Sol depois da chuva”, “Mulheres de água”. Todos com repetidas tiragens e reedições.

Aos dezenove anos foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Cachoeira Paulista e atuou em diversas ONGs, dentre as quais a Julad - Juventude Latino-Americana pela Democracia. Foi secretário da Juventude, Esporte e Lazer do Governo do Estado de São Paulo, conselheiro

do Fundo Social de Solidariedade, secretário de Estado da Educação de São Paulo e presidente do Consed - Conselho Nacional de Secretários de Estado da Educação do Brasil por dois mandatos.

Promove concorridas conferências nas áreas de Educação e desenvolvimento organizacional e desenvolve ininterrupta atividade cultural na disseminação da ética e de uma filosofia atraente para a juventude brasileira.

Foi o vereador mais votado do Brasil em 2008, eleito para a Câmara Municipal de São Paulo com 102.048 votos. ■

“Sou escritor, porque assim contribuo modestamente para o mundo em que acredito”



Júlio César Turbay Ayala, diplomata e político liberal, presidente da Colômbia de 1978 a 1982



Antônio Saca, presidente da República de El Salvador, de 2004 a 2009



O jornalista Ibrahím Sued, rei do columnismo social brasileiro entre os anos 50 e 80



Salvador José Blanco, presidente da República Dominicana de 1982 a 1986

SÍRIOS E LIBANESES EM ORDEM E PROGRESSO

Um olhar sobre a forte influência dos imigrantes libaneses e sírios - e seus descendentes - no cenário político e sociocultural brasileiro e na América Latina. Nas palavras de quem entende do assunto

Por Roberto Duailibi*

Ao percorrer o país como mascates, eram “os turcos” os primeiros a disseminar notícias e cultura; assim passaram a influenciar o Brasil por meio de políticos.

A despeito das múltiplas origens e histórias pessoais, éramos sempre chamados de “Os Turcos”. Os descendentes de sírios e libaneses, boa parte caixeiros viajantes, vendiam tecidos, sapatos, roupas e centenas de outros produtos em lombo de burro, viajando de lugarejo em lugarejo, agindo como integradores do Brasil do passado. Eram os arautos das boas e más notícias, disseminadores das novidades, da cultura e da própria história. Eles davam conta de fatos como a Revolução de 30, a Coluna Prestes, as informações de um Brasil ainda com deficiente comunicação. Suas bases eram suas famílias, vivendo em vilas ou cidades ainda pouco desenvolvidas. Foi assim a origem de famílias inteiras que passaram mais tarde a influenciar o Brasil e a América Latina por meio de políticos

atuantes, homens e mulheres surgidos desse universo.

Muitos deles exercem papel fundamental no poder e na gestão dos povos latinos, entre eles Michel Temer, que alçou o mais alto posto político no Brasil, o de presidente da República. Michel Miguel Elias Temer Lulia nasceu em Tietê, no Estado de São Paulo, em 1940. Filho de imigrantes libaneses que chegaram ao Brasil na década de 1920, em 1963 graduou-se em direito pela Universidade de São Paulo (USP), onde atuou ativamente na política estudantil. Já ali demonstrava seu pendor para a política, que exerceu em vários momentos da história recente, até chegar à Presidência.

Mas há tempos esse papel político e jeito de influenciar a cultura e os hábitos dos brasileiros veio



Julia Duailibi, jornalista e comentarista de política e economia da GloboNews



Carlos Menem, presidente argentino de 1989 a 1999

“Do personagem Nacib, no romance **Gabriela, Cravo e Canela**, de Jorge Amado, vem a imagem de um comerciante de vila”

sendo construído por vários outros sobrenomes de origem árabe. Do personagem Nacib, no romance “Gabriela, Cravo e Canela”, de Jorge Amado, vem a imagem de um comerciante de vila, que vendia um pouco de tudo. Nele se mostra talvez a síntese do papel desses imigrantes e também o início da mistura de raças, a partir do romance com Gabriela. A miscigenação tratou de formar o brasileiro de hoje, assim, misturado, cheio de influências diversas, africana, portuguesa, francesa, holandesa, espanhola, japonesa e, sim, árabe, representada pela participação historicamente cada vez maior “dos turcos”.

Como os mediterrâneos sempre foram muito políticos, para o bem ou para o mal, temos assim um rol de sobrenomes fazendo parte, de nossa história nesse campo, desde os mais velhos até



Jamil Mahuad, presidente do Equador de 1998 a 2000

os atuais e que ainda darão muitos motivos para novos artigos sobre suas influências no desenrolar da formação de nossa política e do nosso desenvolvimento. Izar, Maluf, Chaui, Tabet, Buzaid, Abi Akel, Eluf, Damous, Murad, Saad, Haddad, Mutran. No mundo latino temos nomes como Said Musa (Belize), Edward Seaga (Jamaica) e muitos chefes de Estado, como Carlos Menem (Argentina), Abdalá Bucaram e Jamil Mahuad (do Equador), Julio Cesar Turbay Ayala (Colômbia), Jacobo Majluta e Salvador Jorge Blanco (da República Dominicana), Antônio Saca (El Salvador) ou o presidente da Assembleia da Venezuela, Henry Ramos Allup. Sem falar na influência financeira de um Carlos Slim, que por seu talento e criatividade tornou-se um dos homens mais ricos e influentes do mundo, ou o acreano Carlos Ghosn, na indústria automobilística francesa e japonesa. No jornalismo, David Nasser, Ibrahim Sued, Miguel Jorge, Luiz Nassif, Juca Kfourri, Ricardo Gandour, Julia Duailibi, são alguns nomes entre milhares de outros.

FOTOS: REUTERS E DIVULGAÇÃO



O jornalista David Nasser ganhou notoriedade em todo o país com suas grandes reportagens para a revista “O Cruzeiro”

Além dos já citados no âmbito Brasil, há nomes destacados e que estão sempre em evidência na moderna história política brasileira, como o influente governador Geraldo Alckmin, que já foi candidato às eleições presidenciais; Gabriel Chalita, sempre em destaque nesse campo; Fernando Haddad, prefeito de São Paulo; Jatene, no Pará, Fernando Gabeira, deputado e várias vezes candidato a cargos majoritários; Paulo Souto, que foi governador do Estado da Bahia; Rosinha Matheus, ex-governadora do Rio. Há em torno de 140 parlamentares brasileiros de origem síria e libanesa que, juntos, constituem um quarto dos senadores e deputados. Como diz o escritor Milton Hatoum, “de resto, arte e política são os dois âmbitos nos quais os árabes estão mais presentes”. Ele, que nasceu em Manaus, tornou-se paulista de adoção, de pai libanês e mãe brasileira, e é sem dúvida um dos maiores escritores e pensadores modernos do Brasil, juntamente com Mario Chamie, Emil Farah, Raduan Nassar, Salim Miguel, Jorge Mussa e Gabriel Chalita.

Especificamente, a imigração libanesa no

Brasil teve início por volta de 1880, quatro anos depois da visita de Pedro 2 ao Líbano. Por isso os historiadores acreditam que a presença dos sírios e libaneses no Brasil remonta à época colonial, até pelo fato de Portugal manter boas relações comerciais com a Síria. A grande maioria veio para o Brasil por falta de perspectiva local, fugindo da opressão turco-otomano que se impunha através de restrições à liberdade e pela excessiva carga tributária. O Brasil representava a possibilidade de progresso pessoal, já que estava aberto aos povos que desejavam trabalhar. Era o cenário perfeito para libertários, caixeiros viajantes, para o estabelecimento de pequenas indústrias e comércios que dariam a base econômica para a formação educacional e profissional de seus filhos e da própria economia brasileira.

De porta em porta, todos podiam se arriscar como vendedores, todos tinham sua chance de prosperar, havia um cenário de paz e de chance pessoal de sucesso. Tornou-se cada vez mais comum se ouvir palavras como “batrício”, já que pronunciar o B era mais simples que o P, um fonema que

Edward Seaga, primeiro-ministro da Jamaica de 1980 a 1989



inexiste em árabe. “Brimos” eram todos.

No censo de 1940, que foi a última vez em que se perguntou para os habitantes do Brasil sobre suas ancestralidades, 107 mil brasileiros disseram serem filhos de pai sírio, libanês. Árabes natos eram 46.105 e os naturalizados brasileiros 5.447. O Brasil tinha então pouco mais de 41 milhões de habitantes. Segundo o Itamaraty, há entre 7 e 10 milhões que descendem de árabes,

“O Brasil representava a possibilidade de progresso pessoal, já que estava aberto aos povos que desejavam trabalhar”

mas informalmente estima-se que os cidadãos brasileiros dessa origem sejam mais de 12 milhões. Isso explica em muito a grande influência na política, embora não exista um voto étnico.

Apenas de libaneses, há no Brasil cerca de 7 milhões de pessoas, acredita a escritora Dad Squarise, que nasceu em Beirute e foi obrigada a imigrar para Brasília em 1968, por causa das atividades políticas de seu pai. Depois estão os sírios, 4 milhões, e os palestinos, de mais recente imigração e é bem menor a presença de brasileiros de origem egípcia, marroquina, jordaniana e iraquiana. A maioria se estabeleceu no Estado de São Paulo e nos Estados do Sul. Um grande número se espalhou pelos estados do Norte, Nordeste e Centro Oeste. Na realidade, hoje, a maior parte da população libanesa mora no Brasil. Felizmente, num clima de liberdade, não trouxeram o sectarismo que, infelizmente até hoje, os separa no Oriente Médio. ■

*Roberto Duailibi é publicitário e membro da Academia Paulista de Letras

FOTO: REUTERS



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000



Fórum Econômico Brasil & Países Árabes

Now is the future *O futuro é agora* المستقبل الآن

APRIL 14TH, 2020

14 DE ABRIL DE 2020

14 نيسان / أبريل 2020

SÃO PAULO, BRASIL - ساو باولو، البرازيل

PARTICIPE DO MAIOR FÓRUM ECONÔMICO ENTRE ÁRABES E BRASILEIROS DA AMÉRICA LATINA



Câmara de Comércio
Árabe Brasileira
الغرفة التجارية
العربية البرازيلية



Há 67 anos atuamos com o propósito de **conectar brasileiros e árabes para promover o desenvolvimento econômico, social e cultural**, tendo ao longo dos anos alcançado papel fundamental no relacionamento entre esses dois povos.

Seja um associado

Benefícios: consultoria customizada, identificação de parceiros comerciais, **facilitação de negócios**, estudos de inteligência de mercado, promoção de produtos/serviços dos associados, **networking entre empresas e governos (árabes e brasileiros)**, potencial de investimentos, **eventos**, selo oficial de associado, aluguel de espaços, certificação de documentos, traduções e muito mais.

members@ccab.org.br

11 3145 - 3200

www.ccab.org.br

Brasil - São Paulo

Brasil - Santa Catarina

EAU - Dubai



/camaraarabebrazil



/CamaraArabeTV